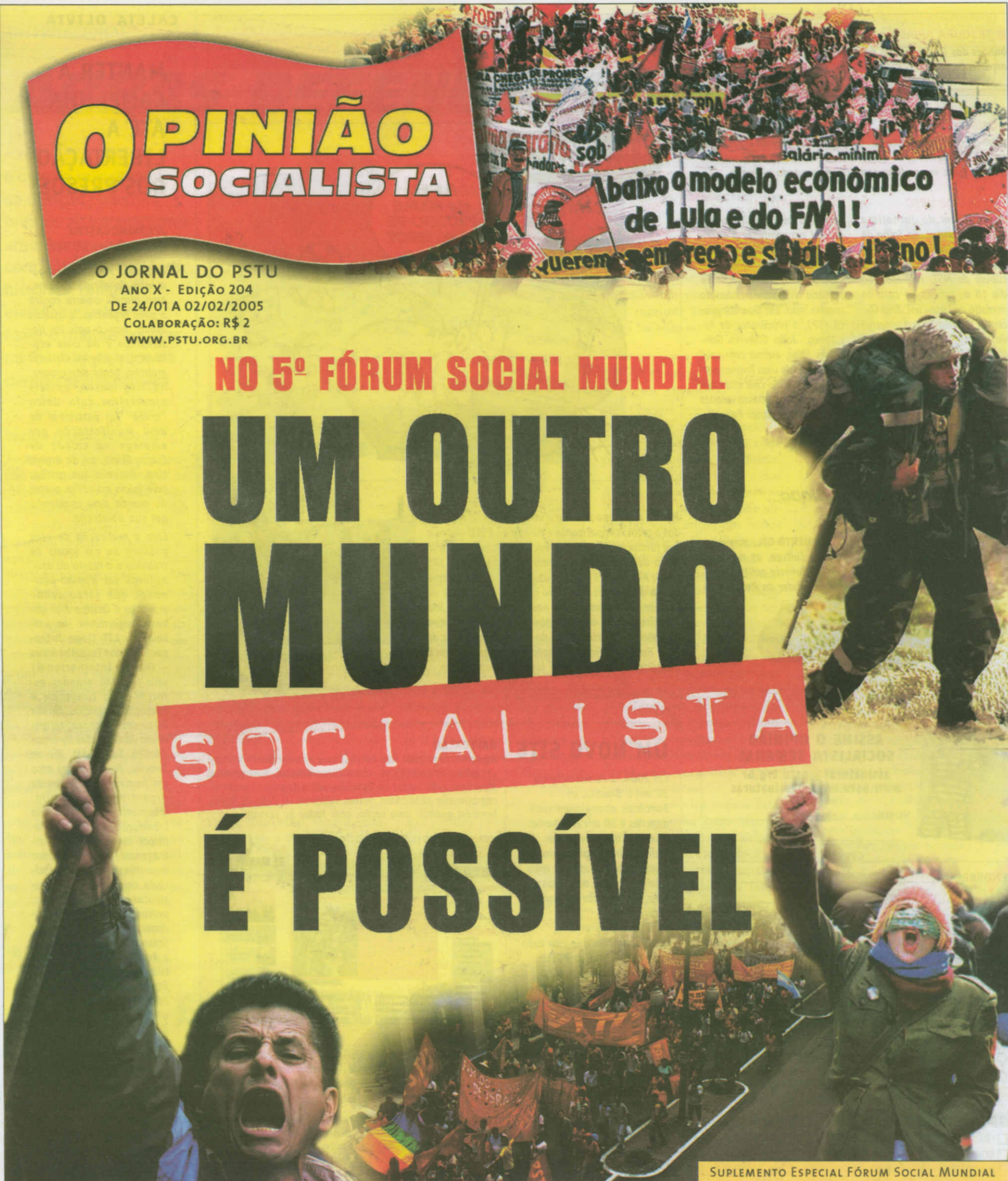
OPINIÃO SOCIALISTA

O JORNAL DO PSTU
ANO X - EDIÇÃO 204
DE 24/01 A 02/02/2005
COLABORAÇÃO: R$ 2
WWW.PSTU.ORG.BR

Abaixo o modelo econômico de Lula e do FMI!

NO 5º FÓRUM SOCIAL MUNDIAL

UM OUTRO MUNDO SOCIALISTA É POSSÍVEL

SUPLEMENTO ESPECIAL FÓRUM SOCIAL MUNDIAL

1º ENCONTRO DA CONLUTAS: CRIAR UMA ALTERNATIVA À CUT

SUPLEMENTO ESPECIAL FÓRUM SOCIAL MUNDIAL

ENTREVISTA COM JAMES PETRAS:

"O GOVERNO LULA É O MAIS ENTREGUISTA EM 50 ANOS"

PÁGINAS 4 E 5

ELEIÇÃO É JOGADA IMPERIALISTA PARA APLACAR RESISTÊNCIA

PÁGINA 12

TESOURA AFIADA *O governo federal planeja cortar R$11 bilhões dos R$ 25 bilhões nos investimentos aprovados para o orçamento de 2005.*

COMEÇANDO BEM

Além do corte no orçamento, o governo Lula começa 2005 "captando" 500 milhões de euros entre investidores europeus. É o governo cada vez mais se endividando em todo o mundo.

ABRAÇO DE URSO

Reportagem do jornalista Kennedy Alencar, da Folha de S.Paulo, descreve uma reunião secreta entre o governo e a cúpula do MST, realizada no dia 18 de janeiro na casa do ministro da Casa Civil, José Dirceu. A reunião teria o objetivo de acordar uma trégua entre o Planalto e a direção do movimento, evitando uma rebelião da base dos sem-terra diante do descumprimento das metas de assentamento.

CASAMENTO GAY

Diante da ineficácia do governo federal em combater a discriminação aos homossexuais, começam a surgir ações judiciais pedindo a legalização da parceria civil entre pessoas do mesmo sexo. Em Guaratinguetá (SP), o procurador da República, João Gilberto Gonçalves Filho, entrou com uma ação pedindo uma liminar permitindo a união civil entre homossexuais em todos os estados do país e no Distrito Federal.

PÉROLA

"Coitada da Globo..."

GILBERTO GIL, *ministro da Cultura, ao negar a influência política e o poder da Rede Globo*

CHARGE / *GILMAR*

PRIORIDADES PARA 2005

ALGUÉM VIU AQUELE PROJETO DE FOME ZERO?

GILMAR.

HOMENAGEM

Morreu na última semana o ativista Manoel Dionísio dos Santos, simpatizante e filiado ao **PSTU** *desde a sua fundação. Morador de Poço Redondo, município palco do movimento cangaceiro, localizado a 185 km de Aracaju (PE), a vida de Dionísio sempre esteve ligada à luta dos sem-terra dos assentamentos de Curralinho e Bonsucesso, nas margens do rio São Francisco. Além disso, também ensinava a técnica do fabrico de artesanato de couro às crianças de Poço Redondo. Fica registrada nossa homenagem à memória e ao exemplo de luta do companheiro.*

Protesto n cortejo fúnebre de Manoel Dionísio

UM NOVO SITE

Em 2004, a Conlutas levou 20 mil a Brasília, os bancários atropelaram suas direções e 50 mil estudantes disseram não à reforma Universitária. Trabalhadores e jovens lutam, cada vez mais, seja aqui, após dois anos de Lula, ou no resto do mundo, contra Bush.

Para acompanhar a velocidade com que isso tudo acontece, o site do **PSTU** *acaba de passar por uma grande reformulação. Nossa página voltou, no dia 23, com muitas mudanças na navegação, no conteúdo e no design. A partir de agora, terá atualização regular, com notícias, fotos e artigos. Visite pstu.org.br durante o Fórum Social, acompanhe a cobertura de Porto Alegre e não deixe de escrever dizendo o que achou.*

NAVEGAÇÃO

A página de entrada traz em destaque as principais notícias, em editorias específicas, como Internacional, Juventude e Movimento. Os textos do **Opinião**, *além da página própria, também são publicados nestas editorias. O Fala Zé Maria também ganhou uma seção, com todos os textos.*

CONTEÚDO

Agora as pérolas estão no site, que também ganhou uma seção com o **PSTU** *na grande imprensa e uma área com dicas culturais. E artigos de debate, na seção Teoria.*

FERRAMENTAS

A reformulação trouxe recursos já conhecidos, como os de envio por e-mail e impressão, uma seção de downloads, o aviso de quantas pessoas estão navegando e a possibilidade de ir a uma página com todos os textos de um autor.

EXPEDIENTE

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do
Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua Humaitá, 476 - Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01321-010 - Fax: (11) 3105-6316
e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates 'Mancha', Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** André Valuche, Cecília Toledo, Diego Cruz, Jeferson Choma, Milena Oliveira Cruz, Wilson H. Silva, Yara Fernandes **PROJETO GRÁFICO** Gustavo Sixel **REVISÃO** Fausto Barreira Filho **DIAGRAMAÇÃO** Gustavo Sixel e Mônica Biasi **DISTRIBUIÇÃO EM BANCAS** OESP **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 3105-6316 *assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas*

CALETA OLIVIA

MANTER A CAMPANHA ATÉ A LIBERTAÇÃO DOS PRESOS!

JERÔNIMO CASTRO, de São Paulo (SP)

Enquanto negocia o pagamento da dívida externa, essa grande amarra contra o povo argentino, e afunda ainda mais o país no desemprego e na crise econômica, o governo Kirchner mantém atrás das grades, há três meses, os seis piqueteiros cujo único "crime" foi participar de uma manifestação por emprego na cidade de Caleta Olivia, sul da Argentina. Desde a sua prisão, teve início em várias partes do mundo uma campanha por sua libertação.

Com a realização de atos públicos ou em locais de trabalho e a coleta de assinaturas em abaixo-assinados que estão sendo enviados à Justiça e ao governo argentinos, os partidos da **LIT (Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional)** *vêm fazendo grandes esforços para conseguir a liberação dos presos. No dia 20 de dezembro realizaram-se em várias partes do Brasil (Belém, São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre) atos em frente a consulados da Argentina. Em Brasília, integrantes do Comitê Pela Libertação dos Presos Políticos de Caleta Olivia entregaram ao embaixador argentino um abaixo-assinado com milhares de assinaturas de trabalhadores, parlamentares, personalidades e sindicatos. Fernando Solanas, cineasta argentino e Antonio Candido, intelectual renomado brasileiro, foram algumas das personalidades que assinaram o abaixo-assinado. Centenas de ativistas sindicais fizeram o mesmo e, inclusive, participaram da campanha pedindo apoio e solidariedade aos presos.*

Mas até agora Kirchner se mantém irredutível. Por isso, é preciso continuar a campanha, ainda com mais empenho. Ajudará nesse sentido a presença, no Fórum Social Mundial, de uma comissão de representantes dos presos, que participará dos Encontros da Coordenação Nacional de Lutas (Conlutas) e da Coordenação de Lutas dos Movimentos Populares (CLMP). Eles vêm ao Brasil para buscar apoio para prosseguir na luta pela liberdade dos companheiros argentinos.

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua Humaitá, 476
Bela Vista - São Paulo (SP)
CEP 01321-010
(11) 3105-6316

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Av. Comendador Leão, 526 Poço (82)327.8125 *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ

MACAPÁ - Rua Guanabara, 504 - Pacoval (96) 225-4549 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA

SALVADOR - R.Fonte do Gravatá, 36, Nazaré (71) 321-3632 *salvador@pstu.org.br*
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42, Centro, alagoinhas@pstu.org.br
ILHÉUS - R. Conselheiro Dantas, 20, Centro
IPIAÚ - Av. Lauro de Freitas, 282, Centro
VITÓRIA DA CONQUISTA - Rua C , Quadra C, 27 - Morada do Bem Querer - Candeias

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
CENTRO -Av. Carapinima, 1700, Benfica (82) 254-4727 www.pstufortaleza.org
MARACANAÚ -Rua 1, 229 - Conjunto Jereissati 1
JUAZEIRO DO NORTE - R. Santa Cecília, 480A, bairro Salesiano

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor Comercial Sul - Quadra 2 - Ed. Jockey Club - Sala 102 *brasilia@pstu.org.br*

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

FORMOSA - Av. Valeriano de Castro, nº 231, Centro - (61) 631-7368
GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência) (62) 212-9969 *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - Rua dos Afogados, 169, sl. 8, Centro (98) 258-0550 *saoluis@pstu.org.br*

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 384-0144 *campogrande@pstu.org.br*

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
CENTRO - FLORESTA Av. Paraná 191, 2º andar - Centro
BARREIRO - Av. Olinto Meireles, 2196 sala 5, Pça. Via do Minério
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629 – *uberaba@pstu.org.br*
UBERLÂNDIA - R. Ipiranga, 62 - Cazeca

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Tv. do Vileta, 2.519 - (91) 226-3377
ICOARACI - R. Pe. Júlio Maria, 403/1 (91) 227-8869 / 247-7058
CAMETÁ - Tv. Maxparijós, 1195, Bairro Novo
RONDON DO PARÁ - R. Ayrton Senna, 147 (94) 326-3004
SÃO FRANCISCO DO PARÁ - Rod. PA-320, s/nº (ao lado da Câmara) (91)9617.2944

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - Rua Alfredo Buffren, 29/4, Centro

PERNAMBUCO

RECIFE -Rua Leão Coroado, 20/1º andar, Boa Vista (81) 3222-2549 *recife@pstu.org.br*
CABO DE SANTO AGOSTINHO R. José Apolônio nº 34 A, Cohab

PIAUÍ

TERESINA - R. Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br*
PRAÇA DA BANDEIRA - Tv. Dr. Araújo, 45 - (21) 2293-9689
JACAREPAGUÁ - Praça da Taquara, 34 sala 308
DUQUE DE CAXIAS -R. das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Souza Cardoso, 147 - Vila Amélia *friburgo@pstu.org.br*
NOVA IGUAÇU - Rua Coronel Carlos de Matos, 45 - Centro
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
VALENÇA - valenca@pstu.org.br
VOLTA REDONDA Rua 2, 373/101 - Conforto

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Dr. Heitor Carrilho, 70 (84) 201-1558
ZONA NORTE - Av. Maranguape, 2339, cj. Panatis II

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE - Rua General Portinho, 243 (51) 3286-3607 *portoalegre@pstu.org.br*
BAGÉ - Rua do Acampamento, 353 - Centro - (53) 242-3900
CAXIAS DO SUL - Rua do Guia Lopes, 383, sl 01 (54) 9999-0002
GRAVATAÍ - R. Dr. Luiz Bastos do Prado, 1610/305 Centro (51) 484-5336
PASSO FUNDO - XV Novembro, 1175 - Centro - (54) 9982-0004
PELOTAS - Rua Santa Cruz, 1441 - Centro (53) 9126-7673 *pelotas@pstu.org.br*
RIO GRANDE - (53) 9977-0097
SANTA MARIA - (55) 9989-0220, *santamaria@pstu.org.br*
SÃO LEOPOLDO - Rua João Neves da Fontoura,864, Centro, 591-0415

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 104, Centro (48) 225-6831 *floripa@pstu.org.br*

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 (tv. da R. Parapuã,1.800) V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL
Campo Limpo – R. Dr. Abelardo C. Lobo, 301 - piso superior
Santo Amaro – Av. João Dias, 1.500 - piso superior
BAURU - R. Cel. José Figueiredo, 125 - Centro - (14) 227-0215 *bauru@pstu.org.br* *www.pstubauru.ig.com.br*
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3235-2867, *campinas@pstu.org.br*
CAMPOS DO JORDÃO - Av. Frei Orestes Girard, 371, sala 6 - Bairro Abernéssia (12) 3664-2998
FRANCO DA ROCHA - R. Washington Luiz, 43, Centro
GUARULHOS
R. Miguel Romano, 17 - Centro (11) 6441-0253
Av. João Veloso, 200 - Cumbica (11) 3436-8887
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
LORENA -Pça Mal Mallet, 23/1 - Centro
MOGI DAS CRUZES - Rua Dr. Côrreia, nº 191 - Bairro Shangai - Mogi das Cruzes - SP - (11) 4796-8630 *www.pstu.org.br/altotiete*
RIBEIRÃO PRETO
R. Saldanha Marinho, 87, Centro (16) 637-7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SANTO ANDRÉ -Rua Oliveira Lima, 279 sala 5 - 2º andar
SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Mal. Deodoro, 2261 - Centro (11) 4339.7186 *saobernardo@pstu.org.br*
SÃO CAETANO DO SUL - R. Eng. Rebouças, 707 Oswaldo Cruz (11) 4238.7883
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS *sjc@pstu.org.br*
VILA MARIA - R. Mário Galvão, 189 (12)3941.2845
ZONA SUL - Rua Brumado, 169 - Vale do Sol
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vila Carvalho (15)3211.1767 *sorocaba@pstu.org.br*
SUMARÉ -Av. Principal, 571 - Jd. Picemo I
SUZANO *suzano@pstu.org.br*
TAUBATÉ - Rua D. Chiquinha de Mattos, 142/ sala 113 - Centro

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 251-3530 *aracaju@pstu.org.br*

EDITORIAL

FÓRUM SOCIAL, A CRISE DO REFORMISMO

FOTO YARA FERNANDES

Quantas pessoas vão estar em Porto Alegre nesta quinta edição do Fórum Social Mundial? Alguns falam em cem mil, outros menos.

Os movimentos sociais hoje estão colocados perante uma polarização crescente dos conflitos internacionais. De um lado, a reeleição de Bush, com seus planos de recolonização do mundo, com políticas que vão desde a guerra do Iraque à instrumentalização de governos submissos como o de Lula. De outro, a crescente luta das massas, com seus pontos altos na resistência iraquiana e na Intifada palestina.

Nesse quadro, os ativistas presentes no Fórum precisam encarar com profundidade a discussão sobre o significado destes dois anos de governo Lula, e quais as conclusões que podem tirar disso em relação a todo o Fórum.

Não se trata de um governo a mais, mas do símbolo de tudo aquilo reivindicado pela maioria das correntes que dirigem o Fórum. Alguns dos fundadores do Fórum, como Oded Grajew, fizeram parte do governo Lula. Aqui se testou a máxima do Fórum, de que "outro mundo é possível" por dentro do capitalismo.

PORTO ALEGRE SERÁ um centro político internacional neste final de janeiro. Para lá convergirão ativistas do mundo todo, em busca de uma alternativa ao neoliberalismo

O Brasil não mudou essencialmente em nada com Lula. Uma vez mais se demonstrou que é impossível mudar o mundo sem romper com o capitalismo.

Por isso, a energia do Fórum, com a presença de dezenas de milhares de ativistas, deve convergir para a construção da luta direta contra o imperialismo e os governos de turno. Isso significa concretizar ações unificadas, como nos dias internacionais contra a guerra no Iraque de 19 e 20 de março.

Significa também a construção de alternativas concretas de direção para as lutas, como no Encontro Nacional do Conlutas.

E deve-se discutir com clareza a necessidade da revolução socialista. É a hora e a vez de se pensar no socialismo revolucionário, como uma alternativa ao capitalismo e à democracia burguesa.

POLÊMICA

ALIANÇAS DO P-SOL COM PARTIDOS BURGUESES NÃO INTERESSAM AOS TRABALHADORES

EDUARDO ALMEIDA,
da Direção Nacional do PSTU

Na mesma entrevista coletiva em que anunciou ter alcançado o número de assinaturas para sua legalização, em 14 de dezembro passado, o P-SOL, por meio do deputado Babá, lançou a candidatura de Heloísa Helena à presidência em 2006.

Não se sabe, no entanto, qual será seu programa e com base em que arco de alianças será construída essa candidatura. Existe uma discussão em curso no P-SOL que possibilita uma aliança desse partido com o PDT. Um dos documentos sobre essas possíveis alianças, escrito por alguns de seus dirigentes, como Roberto Robaina e Martiniano Cavalcante, aponta para uma aliança que inclui "algumas lideranças do PDT e do PSB que defendam posições nacionalistas".

Essa discussão já tem desdobramentos concretos. As negociações envolvem não apenas "alguns dirigentes", mas simplesmente Carlos Lupi, o presidente atual do PDT e a maioria de sua direção. Ou seja, trata-se da direção do PDT, e não de alguns militantes sindicais desse partido.

Para mostrar a importância dessa discussão, a própria Heloísa Helena esteve no Encontro Nacional do PDT, no final do ano passado no Rio de Janeiro, e afirmou: "...aqui, no PDT, como em algumas outras poucas organizações que sobrevivem, estão os que não se dobram, os que não se curvam, os que não se ajoelham covardemente."

Assim Heloísa caracterizou esse partido que não tem nada a ver com a luta dos trabalhadores. O PDT é um partido burguês, composto por representantes de diversos setores patronais (no Rio Grande do Sul, por exemplo, setores latifundiários), tradicional representante do populismo no Brasil. Está em ascensão eleitoral (com várias vitórias importantes nas eleições passadas), e dividido entre um setor que aponta para uma aliança com o PSDB e o PFL (em São Paulo, por exemplo, está no governo Serra), e outro que quer uma aliança com o PPS, para fazer uma oposição burguesa e limitada ao governo Lula.

Heloísa Helena, nesse encontro do PDT, apontou o sentido da aliança: "Espero que a gente consiga caminhar muitos caminhos juntos! Mas independente de qualquer futuro político, estaremos trabalhando muito para estarmos juntos, a certeza que tenho é que posso olhar olho no olho das companheiras e companheiros do PDT, querido Lupi, e dizer: me orgulho como brasileira de que vocês estão aí. Firmes, para o triunfo que mais cedo ou mais tarde virá".

Como todos sabem, temos grandes diferenças programáticas com P-SOL. Achamos que se trata de uma tentativa de reedição de um partido eleitoral, um novo PT. Não por acaso, um evento da magnitude de sua legalização foi marcado pelo lançamento da candidatura de Heloísa Helena e não por algo ligado à luta direta dos trabalhadores.

Mas, mesmo com essas diferenças programáticas, a candidatura de Heloísa Helena poderia ter uma importância, caso se situasse num marco de frente única de esquerda, classista e socialista, que excluísse os partidos burgueses e apontasse no sentido da luta dos trabalhadores. As discussões com o PDT jogam contra essa perspectiva. Mesmo dentro do caráter limitado do programa do P-SOL não cabe uma aliança com o PDT.

Pode acabar se repetindo, de outras formas, na eleição de 2006, o que o P-SOL já esboçou na de 2004, em que apoiou o PPS em Maceió, o PT no segundo turno em Porto Alegre, o PCdoB no Rio de Janeiro e até o PTC (partido de Collor e Pitta) em Goiânia. Isso seria a reedição dos mesmos vícios do PT.

É preciso que os companheiros reflitam, interrompam as negociações com os partidos burgueses e governistas e repensem a possibilidade de uma frente de esquerda, classista e socialista.

"NÃO HÁ NENHUM GOVERNO QUE TENHA CHEGADO AO PODER VIA ELEIÇÕES QUE TENHA TOMADO ALGUMA MEDIDA SOCIAL PROGRESSIVA"

Em entrevista concedida no início de janeiro, James Petras — professor de Sociologia na Binghamton University (EUA) e autor de livros como Contra-Ordem e Neoliberalismo na América Latina, Estados Unidos e Europa *— nos falou sobre a reeleição de Bush, os dois anos do governo Lula, os novos governantes e atores políticos latino-americanos e os desafios da esquerda revolucionária*

POR EDUARDO ALMEIDA,
da Direção Nacional do PSTU

FOTO AG. BRASIL / MARCELLO JR.

Lula em encontro com o presidente da Colômbia, Álvaro Uribe

Opinião Socialista — Como você analisa os reflexos da reeleição de Bush no cenário internacional?

James Petras – Acredito que o que vamos ver é a continuação da política do primeiro mandato, em um novo contexto. Bush busca, agora, promover uma escalada da guerra no Iraque, que, no momento, está sendo perdida pelos EUA. E também quer privatizar a Previdência Social, a principal fonte de pensões para a maioria dos norte-americanos.

As derrotas e a guerra prorrogada no Iraque estão bloqueando as possibilidades de lançar novas guerras, pelo menos usando tropas dos Estados Unidos. Enquanto estão estancados no Iraque creio que não poderíamos ver uma terceira guerra, depois de Afeganistão e Iraque. O que vamos ver é o fortalecimento das relações dos EUA com as forças militares de outros países, como na América Latina. O exemplo mais claro disto é a ocupação do Haiti: Washington participou da derrubada do presidente eleito, Aristide, e depois chamou os governos latino-americanos — principalmente o brasileiro — a ceder seus soldados para fazer a ocupação em respaldo ao governo títere.

Em segundo lugar, acredito que Washington vai continuar utilizando as eleições, política que teve o máximo êxito nos últimos três anos. Tiveram mais êxito a partir de suas alianças com os governos de centro-esquerda, por via das eleições, do que com sua política militar. Explico-me: com o Plano Colômbia não conseguiram nenhum grande avanço. Os guerrilheiros seguem atuando, a oposição ainda está forte. Mas Washington teve enormes êxitos pela via eleitoral. Como no caso do governo brasileiro, que cumpre os projetos de privatização, promove a abertura econômica e tudo o que sabemos sobre o neoliberalismo. O mesmo acontece com Argentina e Bolívia.

Então, qual é a sua avaliação do governo Lula, passados dois anos de mandato?

Petras – Eu acredito que todo mundo começa a tomar consciência de que se trata de um governo das direitas. Lula tem o respaldo completo do Fundo Monetário, do Banco Mundial, dos grandes empresários e dos banqueiros. Muita gente ficou esperando que a política fosse retificada. Estavam totalmente equivocados, porque Lula, ao invés de mudar, está aprofundando sua política.

> **"O governo Lula é das direitas, respaldado pelo FMI e pelos grandes empresários e banqueiros"**

> **"O que teve êxito até o momento foram as grandes mobilizações diretas, classistas e independentes que tomaram uma perspectiva de luta nacional"**

Eu acho que a recuperação econômica atual — que, acredito, é conjuntural — vai provocar uma crise social e política. Este crescimento expõe a concentração dos benefícios nas mãos da grande burguesia e dos banqueiros. Não há uma melhora social para os trabalhadores. Veja, entre 2003 e 2004 o número de milionários no Brasil aumentou de 78 mil para 86 mil. Enquanto isso, o salário mínimo permaneceu quase igual (ao redor dos U$ 78), abaixo do do Paraguai e do da Argentina. O MST já chamou Lula de traidor, que é uma mudança na caracterização do governo.

O repúdio aos candidatos do PT nas eleições, particularmente nas grandes cidades, indica uma deterioração do apoio nas massas urbanas. O grande tema para as esquerdas é que este repúdio não se transforme numa desmoralização e num repúdio à política, que poderia levar a um maior abstencionismo, não digo eleitoral, mas que faça com que as pessoas voltem para suas casas. Outro perigo é que os partidos tradicionais aproveitem da direitização de Lula para fazer críticas pseudo-populistas e ocupem o espaço da oposição. Nesta situação há o que podemos chamar de um desafio para a esquerda que é criar uma nova vanguarda, ampla e classista, independente, que possa dar voz e representação para esta situação.

Apesar da concorrência acirrada de FHC, o governo Lula é o mais entreguista na história do Brasil, pelo menos nos últimos 50 anos.

Essa avaliação do governo implica a negação da avaliação feita por uma parte da esquerda brasileira que afirma que o governo Lula está em disputa?

Petras — Disputa entre os agronegócios e os exportadores de minerais para ver quem consegue as melhores subvenções, a maior redução de impostos e o melhor financiamento. Há disputas entre os banqueiros sobre quem pode se beneficiar mais com as taxas de juros. Mas não há nenhuma disputa entre setores representantes dos trabalhadores, dos camponeses, dos desempregados, dos aposentados. Estes são totalmente excluídos da política do governo.

A democracia burguesa engoliu boa parte da esquerda latino-americana, tanto de setores que estão no governo, como o PT e o sandinismo na Nicarágua, como de outros, como oposição parlamentar, como a Frente Farabundo Martí....

Petras – Há uma esquerda que foi formada em um sentido ignorante, pouco estudiosa, e com vontade de meter-se em governos para aproveitar as vantagens materiais do poder. O sandinismo, há anos, está em aliança com Alemán, o mais corrupto ex-presidente, um ultra-direitista liberal aliado de Washington, e também sócio de Daniel Ortega. Temos agora o governo de Mesa, que impôs toda a política reacionária de seus antecessores, com aumento de preços dos combustíveis e a privatização da água e dos hidrocarbonetos. Há uma greve geral em processo e a perspectiva de que o governo possa cair. Agora temos no Uruguai um Lula que fala espanhol, com Tabaré Vázquez e sua política completamente inserida na onda neoliberal.

Todos esses governos de centro-esquerda devem provocar um repensar das polí-

-ticas eleitorais. Não temos, nos últimos 20 anos, nenhum governo que tenha chegado ao poder via eleições — seja ele nacionalista, populista, de centro esquerda, trabalhista etc. — que tenha tomado alguma medida social progressiva. Ao contrário. Isto porque as condições eleitorais de financiamento não permitem que um movimento possa ganhar através de eleições. Segundo, o processo de institucionalizar-se para participar de eleições no Estado burguês transforma os indivíduos com os melhores antecedentes em membros da institucionalidade desse Estado.

Esta é a primeira conclusão científica a que se pode chegar quando estudamos as experiências dos últimos 20 anos. A segunda, é que o que teve êxito até o momento foram as grandes mobilizações diretas, classistas e independentes que tomaram uma perspectiva de luta nacional. Os sem-terra, com suas ocupações, impulsionaram a reforma agrária. Os grupos indígenas, no Equador, derrubaram governos; os trabalhadores e camponeses na Bolívia também, as insurreições e rebeliões na Argentina fizeram o mesmo.

Entretanto, a centro-esquerda eleitoral não teve nenhum êxito, nem para bloquear medidas liberais nem para mudar governos. Neste sentido temos de dizer que a luta de ação direta massiva é muito mais eficiente para proteger e, inclusive, fazer avançar algumas mudanças.

Além disso, devemos ressaltar que movimentos políticos e sociais sem perspectiva de tomar o poder não passam de um determinado limite. Isto é, derrubam um governo, mas outro volta, tão reacionário quanto o anterior. É o caso da Bolívia e da Argentina. Sem uma perspectiva política própria, classista, acabam dependendo de políticos de centro-esquerda, como no Brasil. E, com isso, o que se ganha nas ruas ou no campo, se perde na esfera política. O mesmo aconteceu no Equador, quando o movimento indígena dependia do movimento *Patchacuchitki*, que entrou no governo de Gutierrez, de direita. Um desastre. Gutierrez tomou medidas duras contra os sindicatos e os indígenas. E, agora, a Confederação das Nações Indígenas do Equador (Conaie) está rachada. O último congresso, no dia 23 de dezembro, terminou com profundas divisões e acusações que quase destruíram a unidade do movimento, devido a este grande erro de meter-se na política eleitoral e institucional e depois desorientar as bases e terminar com alguns setores cooptados pelo governo e outros divididos.

Acredito que devemos sempre saudar os movimentos sociais, mas também reconhecer que existem enormes desafios. Primeiro, no que se refere a formular um projeto de poder estatal; segundo, em organizar movimentos com lideranças políticas que possam organizar um plano de lutas. Isto não quer dizer que os sindicatos devam começar a colocar condições políticas para que as pessoas possam afiliar-se, mas acredito que é um processo de lutas que tem conteúdo político e que aponta para a necessidade de vincular-se a uma vanguarda política com quem possam trabalhar para transformar o Estado.

Protestos da "Guerra do Gás" derrubaram o presidente da Bolívia

Ou seja, a esquerda precisa ter não só uma relação direta com a ação dos movimentos sociais, a ação direta, como também uma estratégia de poder?

"A esquerda tem de ter uma estratégia de tomada do poder"

"O caminho é organizar as lutas de massas, dar-lhes um conteúdo classista e independente, formar novos líderes e preparar o assalto ao poder"

Petras – Sim. Eu creio que a luta pode passar por muitas formas. Temos greves gerais e levantes, que começam a ocupar instituições e criar organismo de duplo poder. É necessário estudar cada contexto concreto e as tradições e capacidades de cada país. Não há uma receita para as formas organizativas que podem ser adotadas. O que é certo é que não se deve centrar na institucionalidade estatal burguesa. Isto é um beco sem saída. A isto terminam capitulando os líderes. Creio que o caminho é organizar as lutas de massas, dar-lhes um conteúdo classista, formar novos líderes e preparar o assalto ao poder.

Nesta perspectiva como você analisa os novos atores na luta de classes na América Latina?

Petras – Eu acredito que temos coisas muito contraditórias. Por exemplo, estive na Venezuela há pouco, onde pude ver uma polarização social e política muito forte entre os chavistas e anti-chavistas. E, também, outra polarização dentro dos chavistas, entre os ministros e parlamentares, que são bastante conciliadores, e os setores populares, sindicais, mais classistas, que têm um projeto de transformação e não de acomodação com os poderes.

Esta situação pôde ser vista quando a direita organizou o golpe. Os parlamentares ficaram impotentes, os ministros se esconderam enquanto as massas saíram dos bairros populares e impuseram a restauração de Chávez. Muitos militares chamados "constitucionalistas" estavam desorientados e não tinham claro o que era a contra-revolução. Então, apesar da aparência de que é um processo eleitoral e político que está avançando, a força motriz do que há de progressivo e democrático na Venezuela são as massas populares.

Um outro aspecto é a reforma agrária. Já se passaram três anos desde que Chávez declarou a reforma, mas até hoje os cem mil beneficiários só receberam terras públicas. Não houve expropriação de um único latifúndio privado. A maioria das mudanças no campo é formada pelo que o ministro chama de "ocupações ilegais" feitas pelos camponeses. A história da América Latina mostra que a força motriz para as mudanças — incluindo as reformas — está nas mãos das massas, das bases organizadas, e não vejo (mesmo na Venezuela) que os setores oficiais têm tido iniciativas e audácia para promover essas reformas.

Você opina que Chávez vai ter um enfrentamento cada vez maior com o imperialismo norte-americano ou existe uma tentativa de acordo, apesar de haver atritos?

Petras – Creio que o que chamamos chavismo é muito contraditório. Há dentro do movimento personagens que colaboraram com o governo colombiano no seqüestro de um representante das FARC, como o embaixador da Venezuela na Colômbia. Há gente como o vice-presidente Rangel, que tenta conseguir um pacto de longo prazo com a Fedecamaras, dos mesmos capitalistas golpistas. Este é um pólo do que chamamos chavismo, que é liberal, direitista, pró-imperialista, disfarçado de "chavista". E estão no governo. Não estou falando da oposição abertamente golpista.

E há outros setores, especialmente no novo sindicalismo, que são realmente classistas, revolucionários e socialistas. E entre eles há muita gente pobre, urbana, chavista, que quer empurrar o processo para mais adiante. E outro setor, que poderíamos dizer populista, reformista e nacionalista. Há ainda setores universitários, que estão ou com a oposição burguesa ou dentro do movimento mais próximo dos conciliadores do que das massas populares. Então, há, entre os chavistas, uma gama que vai desde liberais, acima de tudo institucionais, até social-democratas profissionais, populistas, setores de massas e classistas. Chávez está negociando a manutenção desta coalizão, e tentando avançar com um programa que, em última análise, é um populismo nacionalista, que também possa acomodar setores do capital nacional e estrangeiro. É um tipo de política semelhante àqueles ciclistas na corda bamba. Tentam balancear e consensualizar aquilo que é incompatível. Enquanto se tem os recursos do petróleo, esta possibilidade de equilíbrio é mantida. No momento em que caírem os ingressos do petróleo, as definições vão se aprofundar.

<WWW.PSTU.ORG.BR>
Leia, no site, a íntegra da entrevista com James Petras

AS ILUSÕES PERDIDAS

DOIS ANOS de governo Lula. Em pouco tempo a máscara caiu

REPRODUÇÃO TV / GERVÁSIO BAPTISTA / AGÊNCIA BRASIL

***JEFERSON CHOMA**, da redação*

Bem diferente da última edição do Fórum Social Mundial realizado no Brasil, Lula estará presente nesta 5ª edição sem a mesma aura que o cercava há dois anos. Em 2003, a maioria da esquerda mundial saudava a eleição do petista com grande expectativa, chegando praticamente a ignorar sua ida, em seguida, para o Fórum Econômico em Davos.

Passados dois anos, restam somente ilusões perdidas. Apenas os apóstolos do autoengano ainda insistem em afirmar que este é um "governo em disputa", entre um pólo progressista e outro conservador. A única disputa que há é entre setores da burguesia ligados às grandes empresas aos bancos.

Lula aplica a mesma política neoliberal de FHC. Todos os sonhos do sistema financeiro e das multinacionais estão sendo realizados: pagamento pontual da dívida externa, superávits primários recordes, os juros reais são os mais altos do mundo, as reformas exigidas pelo FMI são cumpridas à risca, as PPPs foram aprovadas e, ainda, garantiu-se a entrega da metade das reserva de petróleo do país. Por outro lado, os trabalhadores continuam amargando um enorme arrocho e, ainda, têm seus direitos (férias, 13º etc) ameaçados pela reforma Trabalhista.

Aliado aos latifundiários do agronegócio – que têm nos ministros Furlan e Rodrigues seus mais notórios representantes – o governo Lula liberou o cultivo dos transgênicos e mantém a reforma agrária em estado de paralisia. Nem a meta acordada com os sem-terra foi cumprida: no ano passado, o governo assentou 25 mil famílias, apenas 1/4 do que foi prometido.

CRESCIMENTO ECONÔMICO

Com base em uma enorme campanha de marketing, o governo do PT tenta passar um clima de otimismo, apresentando os números do crescimento econômico do país. Em 2004, o Produto Interno Bruto (PIB) deve ter crescido em torno de 4,5% e 5%. Esse resultado foi obtido em função do crescimento econômico mundial, alavancado principalmente pela economia norte-americana. Mas como todo ciclo de crescimento neoliberal, não significou uma melhora das condições de vida dos trabalhadores. O desemprego continua nas alturas (em torno de 20%) e as vagas criadas são insuficientes para absorver os novos trabalhadores que ingressam no mercado de trabalho. Em 2004, os brasileiros trabalharam mais para pagar imposto. De acordo com a UNAFISCO, passou de 120 dias o número de dias trabalhados para o fisco. Em contrapartida, não há nenhuma melhoria para os serviços públicos essenciais.

LULA APROFUNDOU O ENDIVIDAMENTO DO PAÍS

Recentes dados divulgados pelo Banco Central (BC) sobre o endividamento do país apresentam uma pequena amostra do que foi a terapia de choque neoliberal. Entre 1998 e 2004, os gastos com os pagamentos de juros e encargos da dívida pública alcançaram R$ 696 bilhões. No mesmo período, o superávit primário gerou uma quantia igualmente espantosa de R$ 316,4 bilhões. Mesmo assim, a dívida aumentou de R$ 385,9 bilhões para R$ 941 bi. Um saco sem fundo.

ATÉ A METADE do governo Lula foram pagos R$ 261,8 bilhões de juros e R$ 152 bilhões foram retidos para fazer superávit

Nos dois anos de governo petista, Lula, Palocci e o blindado Henrique Meirelles apertaram ainda mais o torniquete dos juros. Até a metade do governo, foram pagos R$ 261,8 bilhões dos juros e R$ 152 bilhões – quase 50% do total – foram retidos para fazer superávit. São bilhões de reais desviados da saúde, da educação, da reforma agrária, dos salários dos servidores para engordar os lucros dos banqueiros.

Como se não bastasse, com a política de juros altos do BC, o governo fez o endividamento do país, em 2004, aumentar em mais R$ 80 bilhões, animando a farra-do-boi da especulação financeira.

POLÍTICA EXTERNA PROGRESSISTA?

Lula, além disso, cumpre um papel ativo no plano de recolonização do imperialismo norte-americano. Mesmo assim, há setores da esquerda que insistem em dizer que sua política externa é "progressista". Na América Latina, Lula vem atuando como bombeiro das crises revolucionárias em que as massas, por meio de suas mobilizações, derrubam governos.

Foi o que aconteceu nas jornadas que derrubaram Sánches de Lozada, na Bolívia, enquanto Lula lhe dava apoio até o fim. Depois que Lozada foi expulso pelas massas, Lula se apressou em apoiar o vice-presidente Carlos Mesa, declarando que era necessário preservar as "instituições democráticas".

A isso se soma a iniciativa de retomar as negociações da Área de Livre Comércio das Américas (Alca). Fazendo o jogo do imperialismo, Lula está disposto a entregar a nossa soberania a empresários exportadores ligados ao agronegócio. O que exige o acirramento da luta por parte de todos aqueles que querem impedir que o país seja transformado numa colônia dos EUA.

Mas, para quem ainda tem ilusões na postura "progressista" do governo brasileiro, basta ver o triste papel que o país cumpre na liderança da ocupação ao Haiti, onde, a serviço de Bush, cerca de 1.200 soldados fazem o serviço sujo para o imperialismo.

GOVERNO MAIS FRACO

Lula chega à metade do seu governo bem mais fraco do que quando iniciou. Mesmo toda a propaganda e as loas de auto-estima e confiança do povo brasileiro não impediram a derrota do PT nas eleições municipais. Para piorar a situação do PT, em 2004 explodiram importantes lutas sindicais, como a greve bancária que, após uma rebelião de base contra as direções sindicais governistas, enfrentou o governo, banqueiros e os sindicatos chapa-branca ligados à CUT.

PARA QUEM ainda tem ilusões na postura externa "progressista" do governo brasileiro, basta ver o triste papel que o país cumpre na liderança da ocupação no Haiti

Depois da derrota eleitoral do PT, o governo seguiu em marcha acelerada para a direita. Enfraquecido, Lula procurou dar mais espaço aos seus aliados entre os partidos burgueses (PP, PTB, PMDB), iniciando a demissão de membros do governo que faziam tímidas críticas à política econômica. A demissão mais emblemática foi a de Carlos Lessa do BNDES. Considerado pela esquerda petista representante da "ala nacionalista" do governo, Lessa foi demitido porque não concordava com a política de juros altos do BC, o que desagradou os banqueiros.

Na semana passada foi a vez dos diretores da Embrapa, ligados à esquerda petista, que foram substituídos por nomes fiéis à turma do agronegócio. Agora, com a reforma ministerial em vista, Lula vai ampliar o espaço dos partidos aliados de direita, podendo inclusive dar um ministério a Roseana Sarney, do PFL.

OPOSIÇÃO DE VERDADE, É DE ESQUERDA

A decepção com o governo Lula, contudo, não pode resultar na desmoralização de milhares de trabalhadores ou em deixar a bandeira da oposição nas mãos dos velhos partidos tradicionais, de direita, como o PSDB e o PFL. Hoje, eles só atacam o governo para voltar ao poder e perpetuar o neoliberalismo, a miséria e o desemprego.

É necessário construir e fortalecer uma nova alternativa de oposição de esquerda ao governo. Todos os ativistas de esquerda devem saber que Lula não é nenhum aliado, mais sim um inimigo que precisa ser derrotado.

OS SONHOS DE 1968 EM DOIS TEMPOS

OS SONHADORES E EDUKATORS refletem o fervor que aqueceu corações e mentes no Maio de 68

YARA FERNANDES e **WILSON H. DA SILVA**, *da redação*

As paixões e ideais que explodiram no Maio de 68 francês ecoam em dois filmes atualmente em cartaz: *Os Sonhadores e Edukators*. Tendo em comum histórias centradas em três jovens que protagonizam inusitados triângulos amorosos, os filmes, no entanto, se distanciam no tempo, no espaço e, também, na abordagem do tema.

No primeiro, o palco é Paris em pleno Maio de 68, que surge em cores ora vibrantes ora sombrias, invadindo a vida de uma juventude marcada por suas muitas incertezas e dúvidas. No segundo, estamos na Alemanha atual e o ideário de 1968 surge como recordação e referência, cultuadas por jovens rebelados contra o consumismo capitalista e negadas por gente da geração anterior que se acomodou no sistema.

"TODA PETIÇÃO É UM POEMA, TODO POEMA É UMA PETIÇÃO"

A frase acima é pronunciada por um dos personagens de *Os Sonhadores*, ao se referir à campanha relacionada a um dos episódios emblemáticos do "ano que nunca acabou" e serve como ponto de partida para o filme de Bertolucci: a demissão do presidente da Cinemateca Francesa, Henri Langlois, e as manifestações que se sucederam.

É em torno desse acontecimento – que também serve como marco para discutir a inexistência de fronteiras entre arte e política expressa na frase mencionada – que o jovem norte-americano Matthew se aproxima dos irmãos gêmeos franceses Isabelle e Theo.

Ligados por uma profunda paixão pelo cinema – referência fundamental no decorrer de todo o filme – os três rapidamente embarcam em uma viagem embalada pela melhor música da época (Janis Joplin, The Doors, Jimi Hendrix, Eric Clapton e Edith Piaf, dentre muitos outros) e uma mescla pouco convencional de política e sexo.

Instalado no apartamento dos irmãos, Matthew não demora muito para descobrir a ardente paixão incestuosa que os une e, passo seguinte, transforma-se no terceiro vértice desta história, dando início a uma relação, que apesar de não explorar o contato físico entre Matthew e Theo – cuja atração é mais do que evidente –, é marcada pela ousadia e um curioso processo de "aprendizado" e descoberta do "outro" e seus limites.

Uma descoberta embalada por falas, trocas de juras de amor, desafios e joguetes sexuais baseados em cenas, diálogos e citações que vão desde os grandes clássicos do cinema à literatura, à música e às artes plásticas (como a sensual reprodução da Vênus de Milo, feita por Isabelle), passando por referências também constantes aos ícones políticos, particularmente Che Guevara e Mao Tse Tung.

EDUKATORS
(Alemanha/Áustria, 2004)
Direção: *Hasn Weingarther*
Elenco: *Daniel Brühl (Jan), Julia Jentsch (Jule), Stipe Erceg (Peter) e Burghart Klaubner (Hardnberg)*

Filmado com extrema beleza visual e uma iluminação e enquadramentos que envolvem o espectador, o filme se passa em grande parte no interior do apartamento onde os três jovens mergulham cada vez mais profundamente em seus próprios sonhos, em busca de uma espécie de paraíso perdido, isolado do mundo.

Contudo, a revolução está nas ruas e, em determinado e crucial momento, literalmente invade esse universo. Despertados pelas manifestações e confrontos que acontecem sob suas janelas, Isabelle, Theo e Matthew são envoltos pelo sonho coletivo que varre Paris.

Um sonho que cria um impasse. O jovem norte-americano, pacifista, opõe-se aos confrontos com a polícia. Os irmãos, não. Numa das cenas finais, armado com um coquetel *molotov* à frente de um batalhão de policiais, o francês é instado pelo americano a desistir do protesto.

"Isto é violência" – grita Mathew.

"Não, isto é maravilhoso!" – responde Theo.

Uma maravilha cujos desdobramentos, tanto nas vidas dos personagens quanto no próprio desenrolar da história, Bertolucci deixa em aberto embalada por uma das mais belas canções de Edith Piaf, *Je ne regrette rien* (Eu não me arrependo de nada), como um lembrete de que nada daquilo foi em vão.

OS SONHADORES
(França/Itália/EUA, 2003)
Direção: *Bernardo Bertolucci*
Elenco: *Michael Pitt (Matthew), Evan Green (Isabelle) e Louis Garrel (Theo)*

"TODO CORAÇÃO É UMA CÉLULA REVOLUCIONÁRIA"

Coincidência ou não, o arrependimento por posturas adotadas no passado está no centro de *Edukators*, o filme protagonizado por Daniel Brühl, o mesmo ator do excelente *Adeus, Lênin!*

A frase acima é uma das muitas pichações que Jan, o personagem de Brühl, e seu amigo Peter deixam pelas paredes dos locais onde eles realizam seus inusitados protestos. Auto-denominados de *Edukators* (Educadores), eles invadem mansões burguesas e, sem roubar nada, desarrumam toda a mobília, rearranjando-a de maneira bizarra, deixando apenas pichações e bilhetes com frases como *"Seus dias de fartura estão contados"* (título original do filme) ou *"Você tem dinheiro demais"*.

Com a entrada em cena de Jule – namorada de Peter, que devido a um acidente de trânsito deve uma fabulosa quantia ao empresário Hardnberg – acontece uma sucessão de eventos, quase uma comédia de erros, que levam ao seqüestro involuntário do empresário e ao confinamento de todos numa casa nas montanhas, transformada em cativeiro.

Neste cenário, onde vem à tona o triângulo amoroso que questiona os ideais e as convicções dos jovens, estabelece-se um intricado confronto de gerações e perspectivas políticas. O magnata, arvorando-se de seu passado como revolucionário, em 1968, tenta convencê-los da inutilidade de sua rebeldia. Os jovens, dotados de um forte sentimento anti-capitalista, procuram se manter firmes, apesar de não verem saída nem para situação em que se meteram, muito menos para a revolução que acreditam ser necessária.

Emblemáticos em relação à geração que cresceu sob o nefasto discurso sobre o fim das ideologias e da possibilidade de saídas revolucionárias coletivas, Jan, Jule e Peter, contudo, também são exemplares em relação à juventude que, mesmo assim, aprendeu a odiar o capitalismo e suas mazelas, o que é expresso em passagens memoráveis. Em uma delas, um Jan afirma que os antidepressivos não vão durar para sempre e, portanto, a possibilidade de indignação e rebeldia há de vingar; em outra, surge o debate sobre a capacidade do Capital em se apropriar (e transformar em produto) até os símbolos mais caros dos revolucionários, como a imagem de Che.

Envoltos neste debate e sob a ameaça de serem presos, os personagens caminham para um surpreendente desfecho, marcado por uma última pichação em que se lê *"Há pessoas que nunca mudam"*. Um lembrete de que os desafios enfrentados em 1968, pelos "sonhadores" persistem, os conflitos de classe permanecem e o fervor revolucionário ainda aquece muitos corações e mentes.

<WWW.PSTU.ORG.BR>
Leia, na editoria de Cultura do site, artigo sobre o cartunista Will Eisner

Rosa Luxemburgo,

A ALEMÃ, A JUDIA-POLONESA, A INTERNACIONALISTA, A VERMELHA

NO DIA 15 DE JANEIRO DE 1919, no calor da situação revolucionária na Alemanha que permanecia aberta depois da revolução de novembro de 1918 que derrubou o kaiser, Rosa Luxemburgo foi assassinada, ao lado de Karl Liebknecht. Em 2004 se completaram 85 anos de sua morte. O aniversário redondo ocorreu sem maior repercussão. Já se disse que o silêncio é a maior das represálias

VALÉRIO ARCARY, da Direção Nacional do PSTU

A tragédia da morte física de Rosa resume os dilemas de sua heróica vida política: na primeira crise revolucionária de sua vida, em Varsóvia, aonde chegou clandestina para viver os últimos meses da vaga de 1905, foi presa junto com os bolcheviques e solta depois do pagamento de um expressivo resgate-fiança; na segunda, foi morta em Berlim, poucas semanas depois da fundação do Partido Comunista da Alemanha.

Desde o 9 de janeiro, Berlim era uma cidade em estado de sítio. Rosa e Liebknecht sabiam que estavam encurralados, e que o cerco se apertava. Seus destinos eram decididos hora por hora. Havia vários dias viviam em permanente mudança de endereços. Até que a delação levou as milícias ultranacionalistas, ex-militares desmobilizados, ressentidos sociais radicalizados pela derrota do Império – o material humano que se uniria a Hitler para fundar o nazismo – ao seu esconderijo.

O perigo de um confronto mais sério tinha feito os trabalhadores recuarem da greve geral inseguros. O governo Ebert/Sheidemann, uma coalizão do SPD (1) e do USPD (2), os dois partidos operários mais influentes, conhecidos como majoritários e independentes – levados ao poder pelo "fevereiro" alemão que derrubou a monarquia – estava inflexível na determinação de destruir a dualidade de poderes que, sobretudo em Berlim, ameaçava a estabilidade do regime e prenunciava uma nova vaga revolucionária. A burguesia, prudentemente, discreta, aplaudia a sanha dos reformistas em reprimir os comunistas. O perigo de um Outubro alemão, verdadeiro ou ilusório, tinha estado no ar. Era preciso agir rápido: daí que a decisão do governo de retomar o controle da polícia de Berlim, a qualquer custo, fosse irredutível. Diante da reação enérgica dos setores mais avançados da classe operária em defesa dos conselhos de trabalhadores e soldados, o governo não hesitou em tomar medidas brutais: o cerco militar da cidade, revelando sua decisão de ir até ao derramamento massivo de sangue, se necessário.

Já os setores de vanguarda do proletariado que tinham ensaiado o seu "junho de 1848", a sua "jornada de julho", recuavam, precipitada e abruptamente, em debandada. O teste de força fora feito e o seu resultado era desolador. A maioria da classe trabalhadora voltou para as fábricas, e se entrincheirou, intimidada, consciente que não seria possível manter a unidade do movimento sob a bandeira da greve geral até a derrubada do governo.

Nesse ínterim, a repressão contra os espartaquistas (3) se abatia de forma impiedosa. O cerco se apertava. Refugiados, nos dias 12 e 13, em uma residência no bairro operário de Neukölin, Rosa e Liebknecht mudaram-se, no dia 14, para um apartamento "respeitável" de um distrito de classe média em Wilmersdorf. Suas cabeças estavam a prêmio, com uma substantiva recompensa oferecida por empresários de extrema-direita. Foram presos às nove horas da noite, ainda na presença de Pieck, um dirigente do comitê central, que tinha acabado de lhes trazer documentos pessoais falsos – produzidos na Rússia dos sovietes – para facilitar a saída de Berlim. Mas era tarde demais. O improviso em matéria de organização, característico do espartaquismo, cobrou o seu preço. Sem documentos, Rosa e Liebknecht não tinham como fugir.

> **O ASSASSINATO de Rosa Luxemburgo rompeu os vínculos entre duas gerações de revolucionários**

A dualidade de poderes em Berlim ameaçava o governo

Foram levados até o hotel Eden, onde estava instalado o quarte-general de uma das divisões protofascistas, na parte central de Berlim. Sabiam, provavelmente, que não seria uma prisão como outras. Podiam presumir que seriam brutalmente interrogados. Mas, desta vez, seus destinos já estavam traçados. Primeiro Liebknecht e, depois, Rosa, foram duramente atingidos por coronhadas na cabeça e levados para fora do hotel, colocados dentro de um carro. Descobriu-se que foram fuzilados, imediatamente, à queima roupa: Liebknechet, arrastado para fora do carro, para simular uma fuga, foi baleado pelas costas. Rosa recebeu o tiro na nuca, ali mesmo.

O corpo de Luxemburgo foi lançado nas águas do canal Landwehr, de onde foi resgatado somente em março. Ali foi colocada uma placa, ao lado de uma das pontes, para honrar a sua memória. Rosa, a alemã, a judia-polonesa, a internacionalista, a vermelha, morreu na Berlim que tanto amou, assassinada pela fúria fascista que, em 1933, chegaria ao poder para tentar conquistar o mundo e mergulhar a Europa no maior genocídio da história.

A MÃO QUE APERTA O GATILHO NEM SEMPRE É A MESMA QUE APONTA A ARMA

Não restam dúvidas sobre o balanço histórico da cumplicidade do governo do SPD, o primeiro da República de Weimar, pelo assassinato de Rosa e Liebknechet. Sabemos hoje que a ordem de execução não partiu do governo. Mas sabemos também que a perseguição que cercava os revolucionários foi incentivada por

Ebert e Scheidemann: Noske e os *Freikorps* (4) sob o seu comando eram um ponto de apoio vital do governo, que duvidava da disciplina da maioria das tropas militares.

O assassinato de Rosa teve para o marxismo revolucionário na Alemanha o efeito devastador de uma ruptura dos vínculos entre duas gerações. A experiência política que estava resumida nas pessoas de Rosa, Liebknechet e Jogiches, o primeiro companheiro de Rosa, se perdeu.

O CONFRONTO PREMATURO DO 5 DE JANEIRO

Uma contextualização histórica ajudará a compreender porque foi tão necessário o massacre da direção dos espartaquistas. As circunstâncias políticas das jornadas de janeiro de 1919, o primeiro dos vários "julhos de 1917" da revolução alemã, são pouco conhecidas, mas merecem atenção, dadas as suas irreparáveis conseqüências. As situações revolucionárias têm, também, suas alternâncias de conjuntura. Conhecem flutuações nas relações de forças, e sofrem com a discordância de tempos entre a maturidade da crise e os atrasos na percepção que os trabalhadores vão alcançando de seus desafios.

Os acontecimentos que precipitaram as lutas de janeiro começaram de forma quase trivial. Tudo se iniciou em dezembro de 1918, menos de um mês depois da queda do kaiser. Uma contra-ofensiva do governo presidido pelo SPD – resolveu derrubar o chefe de polícia da cidade, Emil Eichhorn, membro do USPD – que considerava intolerável as permanentes manifestações de massas não-controladas em Berlim, fator de impulso e, ao mesmo tempo, expressão da dualidade de poderes. Acusado de incapacidade na preservação da ordem pública e de permitir que a polícia se transformasse em uma instituição "quase revolucionária", era vital para o governo a sua queda. Eichhorn desafiou a decisão do governo, recusando obedecer às ordens do ministro do Interior, e afirmando que sua autoridade só podia ser questionada pelo conselho de operários e soldados. A direção do USPD de Berlim apoiou essa decisão e resolveu resistir, convocando as massas às ruas para uma manifestação de protesto. Já os espartaquistas apoiaram a ação de rua, mas defendendo a greve geral e, mais importante, que as tropas do exército deveriam ser desarmadas e os trabalhadores armados.

A posição de Rosa foi a favor, mas ressalvando que a greve deveria ser somente de protesto, para medir forças, e aguardar a reação de Ebert e do governo, e a repercussão junto aos trabalhadores no interior do país. A passeata no dia 5 de janeiro foi um sucesso muito além do que todos esperavam, e a direção do KPD (5) recebeu informes que garantiam que uma parte dos soldados aquartelados em Berlim estavam do lado dos insurrectos. Mais tarde, isso se demonstrou infundado.

> **A MORTE de Rosa Luxemburgo era vital para neutralizar o crescimento da influência dos comunistas**

A partir daí, a sorte estava lançada: reuniões conjuntas dos independentes (USPD) de Berlim, dos comunistas e dos delegados revolucionários constituíram um organismo comum das três organizações, com 33 membros e um secretariado de três dirigentes, Liebknecht, Lebedour e Scholze. As atribuições precisas desse organismo permanecem obscuras: seria sua responsabilidade, ou intenção, dirigir o movimento como um protesto, ou tentar a derrubada do governo?

A questão é pertinente porque a esquerda socialista alemã tinha sido formada em uma cultura de que revoluções "não se fazem", mas são feitas pelas massas. Para os que tinham se formado no velho SPD, antes da guerra, deveriam ser os trabalhadores, deslocando as instituições, que colocariam o poder nas ruas. Essa era a cultura da esquerda socialista na Alemanha: governos caem, não são derrubados; o palácio se rende, não é tomado. A ordem político-social desaba, finalmente, pela força da ação das massas, e o governo, pela perda de legitimidade, desmorona. Sujeito social e sujeito político, movimento e direção, classe e partido, se confundem. Revolução e insurreição não se separam.

Já a militância espartaquistas composta, em sua maioria, por jovens que não viveram o período anterior à guerra, portanto, pouco experientes, tinha inclinações voluntaristas. Por isso, é difícil discernir até onde estavam dispostos a ir, efetivamente, os revolucionários reunidos após o entusiasmo da manifestação do 5 de janeiro.

ROSA ESTAVA MARCADA PARA MORRER

A partir daí, começou a fuga. Tudo indica que a lógica política que guiou a posição dos espartaquistas, com o apoio de Rosa, teria sido, resumidamente, esta: os comunistas consideravam um erro a decisão dos setores mais avançados da classe de iniciar um movimento imediato pela derrubada do governo, ou que tensionasse o conflito a tal ponto, que o problema do poder estaria objetivamente colocado. No entanto, como essa tinha sido a vontade dos trabalhadores em luta, por disciplina de classe, tinham se unido às massas em levante. Mas, enquanto o KPD se mantinha ao lado dos insurgentes, as outras organizações, as primeiras em colocar objetivos inalcançáveis, bateram em retirada, capitulando em negociações de gabinete, e deixando os trabalhadores à mercê da repressão.

Moral da história: os espartaquistas foram os últimos a "aderir" ao levante, mas ele iniciado, os mais reticentes em recuar e, depois, os seus mais destacados mártires.

O frágil governo nascido da revolução de novembro que derrubou o kaiser retomava a iniciativa, apoiado no deslocamento de tropas disciplinadas vindas do interior do país, e poupadas do acelerado processo de radicalização que o clima de agitação das massas operárias de Berlim provocava. As "jornadas de julho" da primeira vaga da revolução alemã se encerravam com a decapitação do emergente movimento revolucionário no mais decisivo país da Europa. O paralelo histórico parece quase irretocável. Na Rússia, Lenin conseguiu se refugiar a tempo na Finlândia, e Trotsky e outros, embora presos, tiveram suas vidas poupadas. A burguesia alemã não iria cometer o mesmo erro da russa. Não se deixou surpreender. As lideranças espartaquistas foram vítimas de uma repressão implacável que se abateu sobre um levante que não dirigiam, que não tinham convocado, de cujas reivindicações discordavam, mas que se sentiram obrigados a acompanhar e defender, por solidariedade de classe.

KATHE KOLLWITZ

Combate nas ruas de Berlim em 1918

A analogia que sugerimos pretende realçar que, na seqüência de revoluções democráticas de "tipo fevereiro", uma metáfora histórica que remete à revolução que derrubou o czar em 1917, como foi o 9 de novembro na Alemanha, é comum que ocorram situações de intensa agudização na luta de classes. Nessas circunstâncias, acontecem testes de força entre as classes em conflito. Setores mais radicalizados entre os trabalhadores e a juventude se lançam a um confronto aberto, invariavelmente prematuro, sem considerar que, no conjunto da classe trabalhadora e/ou no conjunto do país, existam condições efetivas para lutar pelo poder. Ou para preservar o poder se, eventualmente, vitoriosos em um primeiro momento. Foi isso que ocorreu, também, em Berlim, nos primeiros dias de janeiro de 1919.

Este episódio confirma que a contra-revolução aprende as lições dos processos revolucionários precedentes: a liquidação física de Rosa era vital para neutralizar o crescimento da influência dos comunistas, que se beneficiavam diretamente do impressionante prestígio da Revolução de Outubro entre os trabalhadores.

O que justifica que nos perguntemos as razões pelas quais ela e Liebknecht não tenham sido retirados mais cedo do cenário conflagrado de Berlim. A resposta mais plausível é que inexistiam condições organizativas de emergência para fazer o translado. Esse fato, cujas conseqüências políticas para o futuro da revolução alemã se demonstraram irreparáveis devido ao peso qualitativo e único da personalidade de Rosa na direção dos espartaquistas, fala por si só das fragilidades do espartaquismo e do perigo da improvisação em situações revolucionárias.

(1) Partido Social-Democrata Alemão.
(2) Partido Social-Democrata Alemão Independente
(3) Grupo de Rosa Luxemburgo
(4) Noske era membro do SPD, responsável pelos Freikorps, grupos de paramilitares alemães.
(5) Partido Comunista Alemão

OS DESAFIOS DO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO

O PROCESSO VENEZUELANO é hoje um dos mais importantes da América Latina. Todos os revolucionários devem estudá-lo, entender como se desenvolve e quais são suas contradições

AMÉRICO GOMES,
da Direção Nacional do PSTU

A Venezuela tem uma poderosa indústria petroleira moderna e desenvolvida. A PDVSA (empresa estatal de petróleo) é uma das maiores do mundo, com dezenas de milhares de jovens operários industriais com importante peso no país. Ao ter uma das burguesias mais parasitárias de nosso continente, os outros setores produtivos são bastante debilitados, o que dá base a um alto desemprego, concentrado nas grandes cidades. Estes desempregados e sub-empregados vivem nos *cerros*, as favelas de Caracas.

A combinação da jovem classe operária com as urbanizações miseráveis nas cidades dá um aspecto explosivo ao processo revolucionário.

A grande contradição é que a direção reconhecida é hoje Hugo Chávez que, apesar de todo um discurso radicalizado, não atua como um elemento dinamizador do processo revolucionário; sua estratégia é negociar um acordo de convivência pacífica com o imperialismo norte-americano.

AS MASSAS TÊM EXPECTATIVAS EM CHAVEZ

Chávez chegou ao poder como fruto da crise institucional gerada pelo *"caracazo"* em 1989. Atualmente, utiliza uma parte da renda proporcionada com a exportação de petróleo, depois de garantir o pagamento da dívida externa, para medidas assistencialistas que não resolvem problemas estruturais, como criação de emprego e aumento da renda.

Estas medidas combinadas com um discurso de relativa independência frente ao imperialismo geram expectativa e apoio de setores das massas e de seus melhores elementos da vanguarda. Mais ainda depois que muitos setores, da outrora esquerda, capitularam vergonhosamente à política neoliberal, como Lula e o PT.

O problema é que as aparências enganam, e na política não se pode acreditar no que se diz, mas no que se faz.

Quem move a roda da revolução venezuelana são centenas de milhares de ativistas anônimos, nos *cerros*, petroleiras e siderúrgicas. Chávez, utiliza de seu prestígio para pôr travas nesta roda, postergando os enfrentamentos decisivos. As massas derrotaram o golpe de abril de 2002, o *lockout* patronal e o *referendum* imperialista e querem seguir adiante, mas Chávez não.

O projeto "nacionalista-burguês" de Chávez não tem possibilidades de êxito. Por isso, não realiza nacionalizações (como Cárdenas com o petróleo mexicano ou Allende com o cobre do Chile), nem melhoras efetivas aos trabalhadores (como Perón na Argentina).

Na verdade, paga a dívida pontualmente, permanece nas negociações da Alca, continua atraindo as multinacionais para as áreas de gás e petróleo que seguem explorando o patrimônio nacional. Continua oferecendo o "diálogo e o consenso" aos donos das grandes empresas e ao governo Bush. Os setores da burguesia golpista como Gustavo Cisneros e o grupo Polar mantêm seus oligopólios e continuam explorando o povo venezuelano.

WWW.APORREA.ORG

QUEM MOVE a roda da revolução venezuelana são centenas de milhares de ativistas anônimos

CHÁVEZ, apesar de todo um discurso radicalizado, não atua como um elemento dinamizador do processo revolucionário

A CONCILIAÇÃO DE CLASSES LEVARÁ À DERROTA DA REVOLUÇÃO

O governo está em um momento de alta popularidade, mas isso não durará para sempre. O desgaste provocado pela continuidade das políticas econômicas capitalistas e a dominação imperialista da economia e dos meios de comunicação irão desgastá-lo.

Atualmente, a tática principal do imperialismo não é mais a derrubada de Chávez. Sua política é similar à que utilizou na Nicarágua sandinista: segue com a pressão (como na provocação colombiana), mas aposta estrategicamente em um futuro desgaste eleitoral do governo. Por isso, aceitou o resultado do *referendum*.

É NECESSÁRIO CONSTRUIR UMA DIREÇÃO REVOLUCIONÁRIA

Muitos intelectuais e organizações de esquerda estão tomando Chávez como exemplo de um "novo caminho possível" com sua proposta de capitalismo com "distribuição de riqueza". Outros, que corretamente caracterizam Chávez como nacionalista-burguês, têm uma política de "pressionar para aprofundar as medidas progressistas".

Tudo isso é um erro, o governo Chávez é burguês e sua política de buscar a conciliação com o imperialismo e com a burguesia golpista irá levar a revolução à derrota.

É necessário construir uma alternativa revolucionária em oposição a Chávez que o derrote e coloque o poder efetivamente nas mãos dos trabalhadores. Só assim o processo revolucionário poderá avançar, tomando medidas como a expropriação das grandes empresas, em especial dos meios de comunicação e a instauração do controle operário na indústria petroleira e a expulsão das multinacionais. Isso só será levado a cabo com um duro enfrentamento. Para isso é necessário aumentar a organização popular e construir e armar milícias populares que se enfrentem com os golpistas fascistas pró-imperialistas.

URIBE É O CACHORRO LOUCO DO IMPERIALISMO

Presidente da Colômbia captura dirigente das FARCs na capital da Venezuela

O presidente da Colômbia, Álvaro Uribe, não contente em ser uma marionete do imperialismo em seu próprio país, resolveu armar uma provocação ao povo venezuelano. Capturou secretamente um importante dirigente das FARCs em Caracas, Ricardo González, com ajuda da CIA e de militares ligados à direita fascista venezuelana.

Frente a esta intervenção afrontosa, Chávez somente chamou seu embaixador e suspendeu os laços comerciais, e já indica que está disposto a conciliar para *"superar essa situação"*.

Agora Lula está querendo mediar o conflito. Logo Lula que não se pronunciou a favor de Chávez na época do golpe de 2002, não ajudou a combater a tentativa de *lockout*, montou o grupo dos *"muy amigos"* da Venezuela com Fox-Bush-Aznar, e declarou apoio ao *referendum* imperialista. Boa coisa não deve esperar o povo da Venezuela da "mediação" de Lula.

Este ataque de Uribe, que tem a colaboração de Bush, é inaceitável e deve ser repudiado internacionalmente, por governos e organizações.

A exigência é: Fora Uribe e seu governo, todo apoio à luta do povo colombiano.

ABBAS DEFENDERÁ ISRAEL

A MORTE DE ARAFAT e o vazio que deixou na direção palestina, brindou ao imperialismo americano e a Israel com uma oportunidade histórica: realizar eleições e voltar a fazer o mundo apostar na fórmula mágica da democracia burguesa

***CECÍLIA TOLEDO**, da redação*

Para o imperialismo é crucial mostrar ao mundo que os "terroristas" palestinos estão trocando as armas pelo voto, e o povo também. Com essa fórmula, o imperialismo se aproveita de um sentimento verdadeiro em qualquer circunstância para justificar sua política de vencer com o voto aquilo que vem perdendo na ponta do fuzil. Aproveita-se de um justo desejo de paz do povo palestino para lançá-lo em uma armadilha cujo resultado final será ainda mais sangrento.

A MISSÃO DE ABBAS

Eleito, Mahmoud Abbas, que não goza de nem um por cento do prestígio de Arafat, tem a missão de convencer aquilo que seu antecessor tentou tantas vezes: fazer os palestinos a desistir da luta pelo fim da ocupação israelense em seu território. Missão que parece quase impossível.

Palestina enfrenta soldado israelense, em dezembro de 2004

Para isso, Abbas precisa construir uma direção, recuperando a autoridade da Autoridade Nacional Palestina (ANP), vista como ineficiente por 93% dos palestinos e como corrupta por 87% deles. Só assim teria algum respaldo entre o Hammas, o Fatah e todas as forças combatentes da Intifada para levar adiante o acordo que assinou em 2003 com Ariel Sharon, chamado Mapa do Caminho.

ABBAS REPRIME A LUTA PALESTINA

Os primeiros dias de mandato de Abbas dão a entender que os palestinos elegeram mesmo foi um representante de Israel e não da Palestina. Sua política de abandono dos direitos históricos dos palestinos e sua oposição à Intifada já o estão colocando contra os combatentes palestinos. Apesar da direção do Hamas ter sinalizado com uma postura conciliadora em relação a ele, sua política pró-israelense não tardará em levá-lo ao enfrentamento com as correntes político-militares islâmicas e da esquerda palestina.

Antes mesmo de tomar posse, Abbas apressou-se em buscar um acordo com Sharon. A resposta foi uma série de ataques a bases israelenses, que fez com que Sharon ameaçasse Abbas de romper o "diálogo" caso não reprimisse os combatentes palestinos. O que ele fez prontamente, apresentando inclusive um plano detalhado para reprimir ataques contra alvos israelenses.

A PAZ SÓ VIRÁ COM A LUTA PELO FIM DE ISRAEL

Sem o carisma de Arafat e sem precisar manter a aura de grande líder da causa palestina, Abbas se lança com tudo para desmantelar a resistência.

Esse agente de Israel e dos EUA no coração da Palestina vai tratar a todo custo de alimentar esperanças em novos "acordos de paz". Acordos que significam o compromisso de liquidar a Intifada, desarmar a resistência e manter a opressão do povo palestino nos territórios de Gaza e Cisjordânia, e o desalento de milhões de exilados palestinos. A verdadeira esperança está na continuidade da resistência, na luta pela liberdade dos presos palestinos, pelo retorno incondicional dos refugiados e exilados e pela derrubada do novo "muro da vergonha" construído por Israel.

A paz só virá com a luta, que mantenha bem alto as bandeiras que deram origem à OLP: a destruição do Estado de Israel e pela construção de uma Palestina laica, democrática e não-racista.

SAIBA MAIS

QUEM É ABBAS

Mahmoud Abbas e George W. Bush, em 2003

Membro da "velha guarda" da Al Fatah (organizaçaõ fundada por Arafat e principal força da ANP), Abbas sempre foi um especialista em missões diplomáticas. Considerado o "arquiteto político" da capitulação ao imperialismo e a Israel, foi primeiro-ministro da ANP durante alguns meses, em 2003. Ao assumir, expressou seu compromisso de "terminar com o caos armado, lutando contra o terrorismo, controlando a milícias e confiscando armas ilegais". Mas fracassou e teve de renunciar. Agora volta ao poder para tentar de novo acabar com a resistência palestina e livrar Israel do perigo. Bush prometeu dar US$ 20 milhões à nova autoridade palestina para fortalecer "uma liderança moderada que combata o terrorismo e ponha em marcha instituições verdadeiramente democráticas".

BOLÍVIA ESTREMECE COM ONDA DE REVOLTAS

***YARA FERNANDES**, da redação*

Desde o dia 10 de janeiro a Bolívia vive revoltas populares. O decreto do presidente Carlos Mesa em 30 de dezembro, aumentando os preços do diesel e da gasolina em até 23%, desencadeou os protestos. A alta nos combustíveis não só aumenta o custo de vida nas cidades, como também atinge os camponeses, que dependem do diesel para trabalhar no campo.

Desde a queda do ex-presidente Sánchez de Lozada, o governo Mesa não atendeu às reivindicações populares e seguiu aplicando a política do FMI. A onda de protestos que se iniciou resgata a pauta de reivindicações do movimento contra a desnacionalização dos recursos naturais.

Além das grandes marchas a La Paz, os protestos incluem greves, ocupações, bloqueios de estradas, greves de fome, sendo que as cidades de El Alto e Santa Cruz são os focos de maior mobilização.

Com a pressão do movimento popular, Mesa fez alguns recuos. Foi obrigado a anular o contrato com a companhia francesa Suez para a exploração da água após a empresa ter suas instalações ocupadas e reduziu o preço do diesel. Porém, essas ações foram insuficientes para desmobilizar os bolivianos. É preciso expulsar outras transnacionais e derrotar totalmente o aumento dos combustíveis.

REPRESSÃO AUTORIZADA

Além das tentativas de barrar os conflitos através de pequenas concessões, Mesa autorizou um recrudescimento nas repressões contra as manifestações. A polícia já vinha reprimindo os atos desde o início. Porém, em 14 de janeiro, o presidente anunciou um decreto que autoriza o Exército a usar armas de fogo contra as mobilizações.

EVO MORALES AJUDA A SUSTENTAR O GOVERNO

O acordo do dirigente do *Movimiento al Socialismo (MAS)* Evo Morales com o governo Mesa ultrapassou todos os limites. Visto como a principal figura pública dos movimentos populares, Evo fez um acordo de trégua com o governo empossado após a queda de Lozada. A estratégia de Morales é preservar as instituições e o calendário eleitoral, no qual o *MAS* aposta todas as fichas. Por isso, neste momento, em que há protestos radicalizados e muitos defendem o fim do governo, Morales se limita a exigir "mudanças estruturais" e se choca com as exigências dos manifestantes.

Outros dirigentes têm uma posição diferente. O líder camponês Felipe Quispe, que durante a posse de Mesa também defendeu a trégua ao governo, hoje defende a sua derrubada. *"Nós, camponeses, não temos medo. Derrubamos Banzer, derrubamos Sánchez de Lozada e parece que agora é preciso derrubar Mesa"*, afirmou Quispe.

ELEIÇÃO É UMA ARMADILHA PARA DETER A RESISTÊNCIA IRAQUIANA

DIANTE DO AVANÇO E DA GENERALIZAÇÃO da resistência entre o povo iraquiano, os EUA buscam desesperadamente retomar o controle da situação e manter a todo custo a eleição, no dia 30. A eleição é uma jogada para deter o avanço da resistência, mas a rebelião de massas não cessa e coloca em risco a estratégia imperialista. A única forma de derrotar o imperialismo é ampliar cada vez mais a luta, chamando todo o povo a boicotar a eleição e aderir à resistência!

CECÍLIA TOLEDO E JOSÉ WEIL,
da redação

Desde a invasão em 2003, o imperialismo buscou criar algum tipo de "autoridade local", mas vem fracassando ante à crescente rebelião contra a ocupação. O governo fantoche de Alawi (ex-agente da CIA) demonstrou ser incapaz de deter a rebelião. A manutenção de 150 mil soldados no Iraque está custando a Bush um desgaste tremendo dentro e fora do país. Até na posse para o seu 2º mandato, protestos radicalizados do movimento anti-guerra turvaram a festa de gala de Bush, expressando o repúdio de mais da metade da população americana a essa guerra. Bush aposta nas eleições iraquianas para poder criar um novo governo títere, com algum grau de representatividade, que lhe permita retirar aos poucos suas tropas. Contudo, apesar de todo o volume de recursos utilizados, a insistência nessa tática não parece resolver muito a situação dos EUA no Iraque.

Até nessa questão, da relação entre eleições e saída das tropas, o imperialismo não age com muita segurança: semanas atrás, o governo americano anunciou que a eleição será o primeiro passo para a saída das tropas dos EUA do Iraque. Logo em seguida, essa declaração, feita por Collin Powel, foi desmentida por Bush, dizendo que os soldados não vão sair tão cedo. Depois, Bush declarou que seu objetivo com a eleição é "espalhar a democracia" e pacificar o país, mas foi desmentido por Rumsfeld, que declarou: "Esperar um Iraque pacificado depois da eleição seria um erro".

MONTANDO UMA FARSA

O objetivo é eleger uma Assembléia com 275 cadeiras para elaborar uma nova Constituição para o país. Também serão eleitos conselhos locais para 18 províncias. Nas regiões curdas autônomas do norte, os curdos (minoria não-árabe que constitui de 15 a 20% da população do Iraque) vão eleger 111 membros de uma assembléia regional.

Mas até agora tudo indica que a eleição será uma farsa. Generaliza-se por todo o país uma campanha de boicote à eleição. Há um processo contínuo de renúncia dos membros da Comissão Eleitoral. Ações da resistência contra os EUA e os colaboracionistas triplicaram nos dias prévios à eleição. Dos 83 partidos que se apresentaram inicialmente, 53 já se retiraram. Os que ficaram não querem divulgar a identidade de seus candidatos "por medo dos terroristas". Não há divulgação dos programas nem dos candidatos pela mídia. A organização apoiada pelo mais importante clérigo xiita, Ali al Sistani, a Aliança Iraquiana Unida, só divulgou 34 nomes dos 228 que compõem sua lista de candidatos. Não há padrão crível de eleitores inscritos, qualquer número quer for divulgado é impossível de checar.

Protesto contra a guerra

GENERALIZA-SE por todo o país uma campanha de boicote à eleição

A eleição, portanto, é apenas uma manobra, uma outra forma de tentar deter a resistência com um simulacro de "democracia" ao estilo de Bush. É uma eleição totalmente controlada pelos ocupantes e seus títeres. A Assembléia Constituinte resultante não defenderá a soberania nacional, porque isso implicaria na retirada imediata das tropas invasoras. É justamente o que temem os setores da burguesia iraquiana que estão no governo e os governos dos países vizinhos.

IMPERIALISMO BRINCA COM FOGO E REPETE A POLÍTICA FRACASSADA NO VIETNÃ

Bush considerou sua reeleição como um mandato para seguir sua política externa no marco da "guerra preventiva" e saiu ameaçando Irã e outros países. Em seu discurso falou em "derrotar a tirania, se necessário pelas armas". E encheu a boca falando em "liberdade".

Mas a eleição não deverá resolver o problema de fundo: o ódio do povo iraquiano à ocupação e às tropas e a seus colaboradores que saqueiam o país. A resistência tende a seguir e se ampliar. Por isso, os EUA não podem apenas apostar na eleição; tem de continuar a ocupação militar para fazer frente ao avanço das forças insurgentes. Isso significa um longo período de envolvimento com as conseqüências ou como disse um ativista antiguerra: "sem poder sair, sem poder ficar, o império vai sangrar".

No Vietnã também houve algumas tentativas de fazer "eleições" que modificavam apenas o nome do general de turno à testa do governo, enquanto a resistência crescia, e infligia cada vez mais perdas ao imperialismo e afundava cada vez mais as tropas no atoleiro.

Iraquiano passa por cartazes convocando a população para as eleições

PELA VITÓRIA DA RESISTÊNCIA IRAQUIANA! BOICOTAR A ELEIÇÃO!

É PRECISO IR ÀS RUAS nos dias 19 e 20 de março para lutar contra a guerra imperialista

Ao invés de um país de joelhos, o Iraque hoje representa o ponto mais alto da luta de todos os povos do mundo contra o imperialismo. A guerra passa por um momento crítico, em que a resistência se fortalece e amplia seus ataques aos invasores que tentam contra-atacar ao mesmo tempo em que acena com eleições para enganar a população.

Alguns setores que participam do movimento anti-guerra defendem a paz, chamam à retirada das tropas, mas não defendem a vitória da resistência iraquiana. A partir da adesão da ONU e dos governos imperialistas europeus à tática "eleitoral" de Bush, esse grupos não se colocam contra a eleição do governo fantoche.

É necessário fortalecer a resistência e apoiar suas ações contra os ocupantes genocidas! Não se pode depositar qualquer confiança no imperialismo e nas forças que o apóiam, dizendo que as eleições trarão paz. Isso é mentira! A única forma de conseguir a paz tão desejada pelo povo iraquiano é expulsar o soldado invasor de seu território, para reconquistar a soberania nacional e poder decidir os destinos de seu país. A derrota militar do imperialismo abrirá um novo momento para todos os povos que lutam por sua liberdade!

Nesse sentido, o chamado do movimento anti-guerra norte-americano e europeu para os dias 19 e 20 de março como Jornada Internacional de Luta contra a Guerra pode e deve ser um marco na luta de todos os povos contra o imperialismo, com manifestações multitudinárias pela derrota dos exércitos ocupantes e a vitória da resistência iraquiana!

SUPLEMENTO ESPECIAL

UM OUTRO FÓRUM SOCIALISTA É POSSÍVEL

SEM OUSADIA NÃO EXISTEM MUDANÇAS. No V Fórum Social Mundial, seria muito importante que os ativistas de esquerda tivessem a ousadia de encarar a crise da ideologia dominante

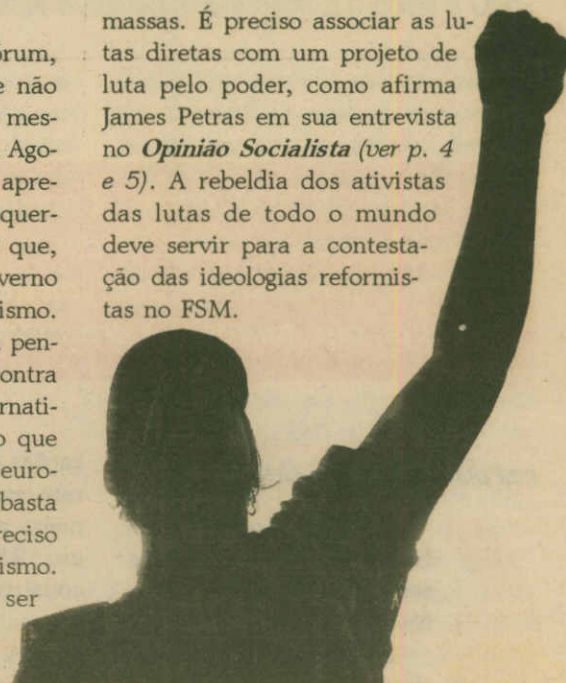
***EDUARDO ALMEIDA**, da Direção Nacional do PSTU*

A maioria do FSM (ONGs, representantes do PT e social-democracia européia) apresentou propostas de humanização do capitalismo. "Um outro mundo é possível" é o lema do Fórum, sem precisar romper com o capitalismo, rejeitando qualquer alternativa revolucionária e socialista. A ideologia predominante no FSM busca canalizar para alternativas eleitorais todo o sentimento anti-neoliberal.

Mas a realidade, que entra pelas janelas do Fórum, teima em mostrar que sem uma ruptura com o capitalismo, um "outro mundo" não pode ser possível. Uma vez no poder, o PT, assim como a social-democracia européia, impõe o mesmo receituário neoliberal de sempre.

As propostas reformistas do FSM são apenas enfeites que servem para justificar perante as massas a continuidade da política econômica neoliberal. Depois estes governos terminam repudiados pelas massas iguais aos da direita. Não por acaso, em Porto Alegre (cidade berço do FSM), o PT acaba de sofrer uma derrota eleitoral.

Existe assim uma crise no Fórum, que sua direção majoritária finge não ver, insistindo no mesmo eixo, nas mesmas fórmulas vazias e superficiais. Agora que Lula já não pode mais se apresentar como a alternativa "da esquerda", está trazendo Hugo Cháves que, apesar de seus conflitos com o governo Bush, segue aplicando o neoliberalismo.

A ousadia necessária é voltar a pensar em revolução. Não basta ser contra Bush, é preciso apontar uma alternativa antiimperialista conseqüente, o que inclui a luta contra os governos europeus também imperialistas. Não basta ser contra o neoliberalismo, é preciso defender a ruptura com o capitalismo. As vias eleitorais demonstraram ser um beco sem saída para a luta das massas. É preciso associar as lutas diretas com um projeto de luta pelo poder, como afirma James Petras em sua entrevista no *Opinião Socialista* (ver p. 4 e 5). A rebeldia dos ativistas das lutas de todo o mundo deve servir para a contestação das ideologias reformistas no FSM.

ALGUMAS PROPOSTAS REFORMISTAS DO FÓRUM

SOMOS TODOS "CIDADÃOS"?

É preciso questionar o discurso da "cidadania", que se transformou no mote da maioria do Fórum, deixando de lado a perspectiva socialista. A defesa da cidadania foi revolucionária nas revoluções burguesas que derrotaram o feudalismo (séculos 18 e 19).

Na decadência do capitalismo, a "defesa da cidadania" significa igualar os cidadãos proprietários dos meios de produção e os cidadãos proletários. No entanto, eles têm interesses opostos: os lucros dos burgueses implicam na miséria dos proletários. A defesa da cidadania tenta convencer os trabalhadores a buscar uma saída conjunta sem radicalismos nem revoluções.

ESTADO "DEMOCRATIZADO"?

Outra ideologia dominante é a que defende a "democratização do Estado burguês". Os reformistas do FSM (não inovando em nada com os reformistas do início do século 20) dizem que o Estado burguês pode ser mudado por dentro, ficando a serviço dos trabalhadores. O Estado seria uma espécie de casa vazia, que mudaria seu caráter, a depender do tipo de morador que a ocupasse. Assim, bastaria chegar ao governo pela via eleitoral, para democratizá-lo. No entanto, o Estado e seu regime democrático têm demonstrado ser uma arma eficaz da burguesia. Não para mudar o Estado, mas para mudar a esquerda que se adapta à institucionalidade. O PT é a maior demonstração disso. A "democratização do Estado" serve para legitimar a prática eleitoralista da esquerda reformista. Voltar a pensar a necessidade da revolução socialista é, mais uma vez, uma demonstração de realismo.

A FICÇÃO DA ECONOMIA "SOLIDÁRIA"

Outro pilar do reformismo é a defesa da "economia solidária" que se concretizaria com a generalização de associações auto-gestionárias, cooperativas, organizações de consumo ético, Bancos do Povo etc. Propostas de "uma economia capitalista voltada para o mercado interno", em contraposição à globalização. Não se leva em conta que a economia mundial é controlada por grandes multinacionais e bancos. Os defensores dessa proposta nada dizem sobre o que fazer com elas.

A alternativa ao neoliberalismo é a expropriação das grandes empresas e a planificação democrática da economia. Ou seja, a ruptura com o capitalismo.

ENCONTRO CONTRA ALCA, GUERRA E REFORMAS NEOLIBERAIS

Não temos expectativas de que a direção do FSM abandone seu reformismo. Existem relações diretas com setores burgueses, interesses materiais e eleitorais em todos os países representados no Fórum. A expectativa que temos é de que os ativistas do Fórum, que buscam respostas para a luta contra o imperialismo, tenham uma alternativa real.

Para isso, desde a primeira edição, foram realizadas iniciativas paralelas, que visavam por um lado, à unidade para lutar em nível internacional, contra a Alca, a dívida e a guerra. E, por outro, a um reagrupamento de esquerda revolucionária.

Neste Fórum, a luta antiimperialista contra a guerra no Iraque deve ganhar um impulso claro, com a definição dos dias internacionais de luta de 19 e 20 de março, já acertados no Fórum Social Europeu. A luta contra a Área de Livre Comércio das Américas (Alca) também deve ganhar na América Latina um grande impulso porque as negociações serão retomadas neste ano. Para isso, é importante que os participantes destas campanhas abandonem as ilusões em governos como o de Lula, assumindo a proposta da Conlutas de uma grande marcha a Brasília no segundo semestre de 2005, contra as reformas neoliberais e a Alca.

No Fórum será realizado o Encontro Nacional da Coordenação Nacional de Lutas (Conlutas), que aponta para a construção de uma nova alternativa de luta contra as reformas de Lula, a CUT e demais centrais sindicais governistas. Da mesma forma, o Encontro Nacional da Coordenação de Luta dos Estudantes (Conlute) buscará construir uma alternativa à UNE. A Conlutas vai promover também debates sobre os rumos do governo e uma passeata contra as reformas.

*A **Liga Internacional dos Trabalhadores** e o **PSTU** promoverão também um debate sobre a democracia burguesa, trazendo o tema para o centro das discussões entre a esquerda.*

O PSTU NO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL

Quarta, 26/1

17h - *Passeata de abertura do Fórum*

Quinta, 27/1

10h - *Passeata CONLUTAS contra as reformas neoliberais de Lula e do FMI*

14h - *Debate CONLUTAS – "O governo Lula e as perspectivas da esquerda brasileira"*
James Petras, José Maria de Almeida (PSTU), Roberto Robaina (P-SOL)
Local: Ginásio Camisa 10 (Av. Padre Cacique, 842. Em frente ao Gigantinho)

16h - *Debate "Luta Mulher! Contra as reformas neoliberais de Lula e do FMI"*
Local: sala B 601 (Cais do Porto)

16h - *Debate: "GLBT: entre a tolerância institucionalizada e o real combate contra a homofobia"*
Local: sala B 201 (Cais do Porto)

Sexta, 28/1

9h - *Encontro Nacional da CONLUTE*
Local: Ginásio Camisa 10 (Av. Padre Cacique, 842. Em frente ao Gigantinho)

9h - *Encontro Nacional Coordenação de Lutas dos Movimentos Populares*
Local: Instituto Estadual de Educação General Flores da Cunha (Av. Osvaldo Aranha, 527, Pq. da Redenção)

22h - *Grande Festa*
Local: (a confirmar)

Sábado, 29/1

9h - *"Negros e negras, as reformas neoliberais do governo Lula e a necessidade de um combate de raça e de classe"*
Local: sala B 601 (Cais do Porto)

14h - *Debate internacional: "A esquerda e o conflito com a democracia burguesa na América Latina"*
Com James Petras, Valério Arcary (PSTU), Zabalza (Uruguai), Fidel Nieto (Tendencia Revolucionária, El Salvador)
Promoção: ILAESE e Marxismo Vivo.
Local: Ginásio Camisa 10

19h *"A Juventude e a Luta Antiimperialista"*
Local: Ginásio Camisa 10

Domingo, 30/1

9h – *Encontro Nacional da CONLUTAS*
Local: Camisa 10

Segunda, 31/1

Passeata de encerramento contra a Alca, o livre comércio e o governo Bush

ACOMPANHE A COBERTURA DAS ATIVIDADES DO FSM NO SITE DO PSTU
<WWW.PSTU.ORG.BR>

“A CONLUTAS DEVE SE TRANSFORMAR EM UMA NOVA ORGANIZAÇÃO, ALTERNATIVA À CUT E À FORÇA SINDICAL”

No Fórum Social Mundial, a Coordenação Nacional de Lutas (Conlutas) realiza, no dia 30, seu Encontro Nacional. Conversamos com um de seus coordenadores, Zé Maria, que também é presidente nacional do PSTU

POR DIEGO CRUZ, da redação

Opinião Socialista – Na sua opinião, o que deve ser discutido no Encontro Nacional do Conlutas?

Zé Maria – Posso, aqui, expressar apenas minhas opiniões, já que tudo vai ser discutido e decidido com todos os companheiros e companheiras. Mas, entre tantos temas fundamentais, creio que existem duas discussões mais importantes. A primeira é que a Conlutas deve se transformar de uma coordenação de lutas, como é hoje, em uma nova organização, alternativa à CUT e à Força Sindical. Isso significa discutir na base tanto a ruptura com a CUT e outras centrais existentes, como a necessidade dessa nova organização. Toda essa discussão deve ser feita amplamente e poderia culminar em um Congresso da Conlutas, com um tempo razoável, talvez no início do ano que vem. A segunda discussão é o plano de lutas que devemos adotar em 2005, tanto nas mobilizações salariais como na luta contra as reformas neoliberais do governo Lula.

Alguns setores da esquerda cutista consideram um erro a ruptura com a CUT.

Zé Maria – A CUT já deu mostras mais do que suficientes de que não tem mais volta. Seu profundo processo de burocratização tornou impossível qualquer tipo de disputa pela base em seu interior. Existem profundos laços materiais que prendem sua direção ao Estado, que incluem verbas dos ministérios e dos bancos oficiais, assim como a administração de Fundos de Pensão. O interesse pelas verbas supera qualquer discussão política. Não tem sentido a argumentação de que não se pode romper com a CUT porque é necessário disputar sua base. É exatamente o oposto: para disputar sua base é necessário construir uma alternativa nacional, que possa encaminhar as lutas contra as reformas. As duas grandes mobilizações contra as reformas que ocorreram em Brasília, em 2004 — a primeira no dia 16 de junho e a segunda em 25 de novembro —, foram construídas por fora da CUT. E nas duas a Conlutas teve um papel decisivo. A greve nacional bancária só saiu e durou um mês porque a *Oposição Bancária*, que compõe a Conlutas, estava organizada nacionalmente. É desta forma que se disputa as bases da CUT.

Além disso, a ruptura com a CUT é um processo objetivo, de massas, e independe de nós. Quanto mais lutas, mais choques com o governo e com a CUT. E mais rupturas.

Mas, se não houver a construção de uma alternativa como a Conlutas, esse processo progressivo pode caminhar para a dispersão. Ou pode ocorrer como nas eleições, em que a direita capitaliza a ruptura. Na verdade, os que são contra a ruptura acabam por capitular à direção da CUT, ficando juntos com os maiores pelegos de hoje, que são Marinho e seus aliados.

Qual deve ser, então, o caráter desta nova central?

Zé Maria – Essa é uma discussão que devemos fazer com calma e junto com toda a base, desde o Encontro até a possibilidade de realização de um Congresso em 2006, em que possamos decidir sobre estes temas. Creio que essa nova organização deve ser mais abrangente que uma central sindical, organizando todos os setores da classe trabalhadora, como os desempregados, aqueles que estão na economia informal, os que estão organizados nos movimentos populares de luta por terra, moradia, contra a opressão e a discriminação, organizações estudantis etc. Por isso, não queremos chamar simplesmente de uma nova central, para não dar a idéia de que queremos apenas uma central sindical como as outras. Devemos discutir também uma plataforma política, com base naquela que foi construída pela esquerda socialista dentro da CUT e pelos movimentos sociais nesses últimos vinte anos. Isso deve se expressar na luta contra a recolonização imperialista, principalmente nas mobilizações contra as reformas neoliberais, contra a Alca, pela ruptura com o FMI e contra o pagamento das dívidas externa e interna. Devemos levar adiante aquelas lutas abandonadas pela CUT, como a luta por emprego, salário digno, reforma agrária, moradia e transporte. É imprescindível também que a Conlutas incorpore a luta contra toda forma de discriminação racial, sexista ou homofóbica. Esses pontos serão definidos no Encontro Nacional, iniciando um processo de discussão com a base. Enquanto isso, nossa construção tem de continuar se dando nas lutas, sendo um instrumento a serviço delas.

As oposições sindicais ganham muita importância nesse processo, num momento em que as diretorias da grande maioria dos sindicatos dão apoio à política da CUT. Essa nova organização deve ainda funcionar com a mais ampla democracia interna, com todas as decisões fundamentais sendo discutidas e deliberadas pela base, passando longe do modelo centralizado pela cúpula, como é o das centrais sindicais.

“A ruptura com a CUT é um processo objetivo, de massas”

“Essa nova organização deve abranger, além dos trabalhadores sindicalizados, os da economia informal, os desempregados e os movimentos populares”

O que a Conlutas deve fazer agora com relação à sua organização?

Zé Maria – Precisamos estruturar melhor nossa Coordenação, mantendo seu funcionamento aberto à participação de todas entidades ou movimentos, além de constituir um grupo executivo, sem caráter deliberativo, para tocar as atividades cotidianas. É preciso também dar um salto na questão financeira, com mais entidades contribuindo regularmente. É importante que os dirigentes sindicais coloquem a construção da Conlutas como prioridade em seus estados.

O que está sendo discutido sobre o plano de lutas para 2005?

Zé Maria – Vamos ter, durante todo o ano, as campanhas salariais e lutas específicas de cada categoria, como a do funcionalismo público federal, já neste primeiro semestre. Devemos encaminhar a luta contra as reformas Sindical e Trabalhista, que deve ser um eixo unificador das mobilizações, além das lutas por reforma agrária, moradia, contra a Alca etc. A reforma Universitária já está sendo imposta pelo governo Lula, por isso é urgente construir uma resposta mais imediata, com mobilizações já no início do ano letivo. Precisamos ainda construir uma semana de mobilizações, entre abril e maio, com manifestações e paralisações nos estados, culminando numa atividade dentro do Congresso para pressionar os parlamentares. No início do segundo semestre, teríamos de impulsionar uma forte mobilização em Brasília, com uma grande marcha contra as reformas Sindical e Trabalhista. Além disso, é importante apoiar as oposições sindicais contra as direções governistas, nos muitos sindicatos cujas eleições ocorrem neste período.

FOTO MATHEUS BIRKUIT

Zé Maria discursa na marcha da Conlutas

ESTUDANTES DEBATERÃO ALTERNATIVAS PARA SUAS LUTAS

ENCONTRO organizará a luta contra a reforma Universitária e debaterá a ruptura com a UNE

JÚLIA EBERHARDT, da Coordenação da Conlute

Durante o Fórum Social, no dia 28 de janeiro, ocorrerá o Encontro Nacional “A Luta contra a Reforma Universitária e os Rumos do Movimento Estudantil”. Este encontro, organizado pela Coordenação Nacional de Luta dos Estudantes (Conlute), terá a presença de estudantes de todo o país, além de convidados do Andes-SN, da Conlutas e de delegações internacionais.

2004: UM ANO DE LUTAS CONTRA A REFORMA

A juventude que estará neste encontro será a mesma que durante o ano de 2004 protagonizou importantes lutas na defesa da universidade pública, contra os ataques do governo e seu projeto de acabar com o ensino público e salvar os tubarões do ensino privado.

Esses ataques foram inúmeros. Primeiro, o novo projeto de avaliação, o Sinaes. Logo depois – enquanto propagandeava o debate com a sociedade para a construção do projeto da reforma Universitária –, foram implementadas medidas fundamentais para a transformação da educação superior, como as Parcerias Público-Privadas (PPPs), a Lei de Inovação Tecnológica, a regulamentação das fundações privadas e, por último, o projeto Universidade para Todos (ProUni).

Se por um lado os ataques foram grandes, por outro, a resistência e a organização estudantis também deram importantes demonstrações de força, como a realização, em maio, do Encontro Nacional contra a Reforma Universitária – que reuniu mais de 1.500 estudantes e fundou a Conlute –, a realização de lutas e de duas marchas a Brasília, diversas greves estudantis e a realização do Plebiscito Nacional contra a Reforma, que apesar do boicote da esquerda petista e do P-SOL, recolheu 56.127 votos.

A OFENSIVA DO GOVERNO EM 2005

No final de 2004, o governo deu claras demonstrações de como vai ser sua ofensiva em 2005. Por um lado, Gabriel, o Pensador surgiu na televisão defendendo o ProUni, por outro, o governo apresentou o ante-projeto de Lei Orgânica Acompanhada, que mantém toda a lógica privatista dos projetos anteriores, porém utilizando-se de expressões e bandeiras que o movimento sempre defendeu, numa tentativa de enganar os estudantes, fazendo-os crer que este governo defende a educação pública e gratuita.

PREPARAR A LUTA PARA DERROTAR A REFORMA

O ano de 2005 deve ser um ano de muita luta e desde já precisamos organizar as mobilizações em cada escola e universidade do país. É justamente esse o papel que o Encontro quer cumprir e, para isso, uma série de propostas e atividades está sendo apresentada para discussão: organizar calouradas combativas; transformar o dia 28 de março em um Dia de Luta contra a Reforma Universitária (alternativo à mobilização promovida pela UNE); organizar uma semana de mobilizações contra as reformas, juntamente com a Conlutas; convocar o boicote ao Enade e realizar debates em todos os cantos do país. Também será levada ao Encontro a proposta de construção de uma greve nacional unificada de estudantes, professores e funcionários para derrotar a reforma.

Durante todo esse processo de luta contra a reforma Universitária, a UNE esteve do outro lado da trincheira, junto com o governo e a proposta de reforma Universitária que acabará com a universidade pública. Esse papel se deve ao fato de que sua direção, a UJS/PCdoB, é parte fundamental da base de apoio do governo e, por isto, busca convencer o movimento de que as ações do governo são progressistas.

É HORA DE ROMPER COM A UNE

Foi devido ao abandono pela UNE das bandeiras históricas do movimento que surgiu, pela base, o debate sobre a necessidade de romper com ela e forjar novas ferramentas para organizar a luta no país.

A Conlute foi criada justamente como alternativa a esse papel que a UNE vem cumprindo. Agora é hora de avançar. Por isso, uma das propostas que está sendo levada ao Encontro defende critérios claros sobre como a Conlute deve se organizar: deve ser democrática, de luta, de oposição de esquerda ao governo Lula e antiimperialista. E deve estar a serviço da construção de uma sociedade socialista.

A discussão sobre a ruptura com a UNE deve ser encaminhada em todas as universidades. O Encontro também debaterá a proposta de que, no meio do ano, quando for realizado o Congresso da UNE, o movimento estudantil combativo tenha uma opção: um Encontro paralelo, onde seja discutido o fortalecimento da Conlute, em alternativa à UNE.

FOTO WLADIMIR SOUZA

< WWW.PSTU.ORG.BR >

Acompanhe, no site do PSTU, a cobertura dos encontros da Conlutas, da Conlute e da CLMP no Fórum Social Mundial

PINHEIRINHO VENCE OUTRA BATALHA

OCUPAÇÃO DOS SEM-TETO em São José dos Campos (SP) completa um ano de luta contra o governo Alckmin. No Fórum Social Mundial, será realizado o I Encontro da Coordenação de Lutas dos Movimentos Populares (CLMP)

Moradores do Pinheirinho fecham a Via Dutra

FOTO CLAUDIO CAPUCHO SINDMETALSJC

JERÔNIMO CASTRO, de São Paulo

A ampla frente daqueles que vivem para explorar os trabalhadores, liderada em São Paulo pelo governador Geraldo Alckmin (PSDB), sofreu no dia 20 uma importante derrota.

O reacionário governador paulista, que prepara há tempos um massacre em São José dos Campos (SP), foi obrigado a adiar seus planos: foi suspensa a ordem de reintegração de posse que pendia na Justiça para desalojar a ocupação Pinheirinho.

Mesmo assim, o governador tucano e seus comparsas não engoliram que uma grande ocupação urbana – com mais de 1.500 famílias – seguisse resistindo às diversas iniciativas de expulsão. Por isso, apesar dessa derrota do governador tucano, é preciso continuar a mobilização como única forma de garantir moradia digna aos companheiros.

MOBILIZAÇÕES IMPEDEM DESOCUPAÇÃO

A área ocupada possui 57 alqueires próxima ao bairro popular conhecido como Campo dos Alemães. O proprietário do terreno é o mega-trambiqueiro das Bolsas de Valores, Naji Nahas, que deixou de pagar IPTU e outros impostos e cuja dívida acumulada, desde 1983, soma R$ 5 milhões.

Mesmo assim, a Justiça tentou várias vezes desocupar a área. Mandados de reintegração de posse foram expedidos sob os mais suspeitos argumentos, mas foram todos derrotadas pelas diversas iniciativas políticas e jurídicas dos moradores e dos sindicatos de São José dos Campos, em especial o dos metalúrgicos.

De dezembro para cá, por duas vezes foi marcado o despejo e, nas duas, uma combinação de atos de rua (fechamento da Via Dutra e passeatas até a casa do atual prefeito da cidade, Eduardo Cury, do PSDB), e uma intensa atividade jurídica conseguiu suspender essas decisões.

UM ANO DE RESISTÊNCIA

O que Alckmin e seus aliados não contavam era que, para além de seus planos, a luta e a resistência dos trabalhadores impusesse outra situação.

Em primeiro lugar, os defensores do ladrão Nahas não esperavam que a polícia municipal enfrentasse uma enorme disposição de luta dos trabalhadores, que se defenderam de seu ataque criminoso e ilegal.

Assim como não contavam que eles conquistassem o apoio e simpatia de trabalhadores, sindicatos e dos lutadores sociais da cidade.

Finalmente, os serviçais de Nahas não esperavam que a soma de tudo isso permitisse que a ocupação se transformasse em uma fortaleza habitada por lutadores dispostos a tudo para defender um de mais básicos direitos: um teto para suas famílias.

Disposição justificada pela trabalhadora Maria da Glória, com três filhos e marido desempregado: *"A gente pagava um aluguel de R$ 140, mas as crianças já estavam passando fome e a dona da casa reclamava todo dia porque o aluguel estava atrasado. Graças a Deus surgiu esta oportunidade e nós vamos ficar até o fim"*, disse.

NAHAS, ALCKMIN E JUDICIÁRIO, JUNTOS CONTRA OS TRABALHADORES

A frente dos defensores da exploração dos trabalhadores, composta por aqueles que sempre viveram de saquear os cofres públicos impunemente (Nahas), assassinar os que lutam por uma vida melhor (PSDB em Eldorado dos Carajás) e os juízes que prendem e reprimem os que lutam contra essas injustiças (prisão de Zé Rainha e Gegê), não desistiu ainda de seu intuito de vencer os sem-teto.

A importante batalha que eles perderam agora vai com certeza enfraquecê-los, na mesma medida em que fortalecerá ainda mais os que estão dispostos a lutar por uma vida melhor.

A grande burguesia paulista e seus representantes nos poderes do Estado, assim como a sua polícia, especializada em assassinar e prender trabalhadores, deve saber que o Pinheirinho sempre vai resistir de todas as maneiras que puder. Nesta resistência contará sem dúvida com o apoio dos militantes do **PSTU**.

SOLIDARIEDADE

EM DEFESA DA OCUPAÇÃO

Parte da campanha em defesa da ocupação do Pinheirinho é um chamado a que todos os lutadores, organizações sindicais e populares enviem mensagens, faxes e cartas exigindo do governador de São Paulo e dos juízes responsáveis pelo caso a suspensão de qualquer ordem de reintegração de posse, permitindo assim que as famílias finalmente tenham um teto. Envie mensagens para:

Excelentíssimo Sr. Governador do Estado de São Paulo Geraldo Alckmin
Tels. (0xx11) 3745-3000, 3745-3344

Excelentíssimo Sr. Eduardo Cury
Fax (0xx12) 3941-5277
prefeito@sjc.sp.gov.br

Dr. Rui Cascaldi -
1º Tribunal de Alçada Civil
Fax (0xx11) 3372-2595
e-mail: primeirotac@ptac.sp.gov.br

Dr. Luis Tâmbara - Presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo
Tel. (0xx11) 3112-0083/0787/0771

Dr. Marcius Geraldo Porto de Oliveira - 6ª Vara Civil de São José dos Campos-SP
Fax (0xx12) 3921-5266

Desembargador Marcondes Machado/ Desembargador Dr. Sebastião Carlos Garcia/ Desembargadora Dra. Isabela Gama de Magalhães Fax (0xx11) 3112-0771

É NECESSÁRIO CONSTRUIR UMA DIREÇÃO QUE UNIFIQUE AS LUTAS DO MOVIMENTO POPULAR

A experiência que se vive hoje na ocupação do Pinheirinho recoloca claramente a necessidade da construção de uma coordenação de lutas dos movimentos populares no Brasil.

É urgente uma direção que não dê trégua a nenhum governo, que não aceite cargos nem nos governos burgueses, nem no atual, de frente popular e tão neoliberal quanto seus antecessores.

Neste sentido, o I Encontro Nacional da Coordenação de Lutas dos Movimentos Populares (CLMP) que se realizará no Fórum Social Mundial, no dia 28, é mais um passo importante para alcançar este objetivo.

A CLMP não tem como objetivo ser mais um movimento popular, mas se propõe a avançar numa coordenação de todos os movimentos populares e sociais que defendem a luta permanente dos trabalhadores.

É um esforço para unir todos os lutadores que não estão dispostos a dar trégua a nenhum governo burguês de plantão.

É um chamado a todos aqueles que não entraram nos governos e que se recusaram a aderir às benesses do poder.

PARTICIPE DO ENCONTRO NACIONAL DA COORDENAÇÃO DE LUTAS DOS MOVIMENTOS POPULARES
28 de janeiro, 9h
Local: Instituto de Educação Flores da Cunha (Rua Osvaldo Aranha - Bonfim - Porto Alegre)